

# numismáticas

Control+L



De forma a facilitar a leitura deste documento  
aconselhamos a visualização em ecrã inteiro (control+L).  
Utilize as setas direccionais do seu teclado  
para avançar e retroceder.

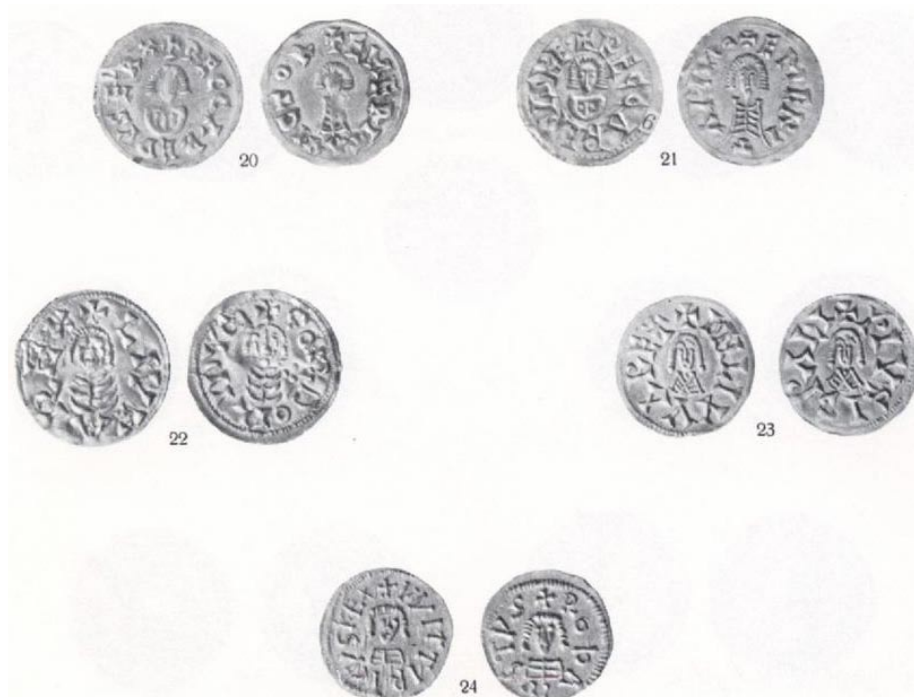
# Apontamentos para o estudo da Moeda Visigoda



## Apontamentos para o estudo da Moeda Visigoda

*António Carlos Diogo*

São as duas primeiras páginas do catálogo que o Banco Pinto de Magalhães elaborou para a presença BPM na Feira Internacional de Moedas, que teve lugar a 12-13 de Maio de 1973 em Tomar. Espero que “arregalem” a vista e desfrutem. Agradeço desde já todas as intervenções.



Pizarro Bravo

A colecção que refere é fabulosa.

Tive ocasião de ver, há muitos anos, estas magníficas moedas. São, como é bem visível, romanas e visigóticas mas têm a “particularidade” de terem sido cunhadas em ouro.!!! Os áureos são de magnífica qualidade embora não se trate dos de maior raridade. Já agora, para os residentes próximos do Porto, amantes de moedas antigas, aconselho a visita à colecção da Fundação Eng. António de Almeida.

### Museu

A Fundação Eng. António de Almeida possui um Museu onde se reúnem as várias peças coleccionadas pelo instituidor: mobiliário, ourivesaria, têxteis, porcelanas, pinturas, relojoaria e moedas. Estas últimas constituem uma importante colecção numismática, fundamentalmente composta por peças de ouro de origem grega, romana, bizantina, francesa e portuguesa.

Encontra-se encerrado durante o mês de Agosto reabrindo no dia 1 de Setembro.

### Horário de visita:

de segunda-feira a sábado das 14h30 às 17h30

A visita ao Museu é sempre guiada e poderá ser feita em português, francês ou inglês. A visita de grupo, cuja marcação deve ser feita previamente, pode ser realizada no seguinte horário:

10h00 às 12h00

14h30 às 18h30

**Custo de Ingresso:** Entradas: 2 €

Estudantes, cartão jovem e maiores 65 anos: 1 €

### Sede:

Rua Tenente Valadim, 231 / 325

4100-479 PORTO

PORTUGAL

Tel. 226067418 Fax. 226004314

Email: fundacao@feaa.pt

Deixo como desafio a transcrição das legendas (anverso e reverso) dos trientes visigodos... é muito fácil: A partir da Cruz e no sentido dos ponteiros do relógio.

Aqui fica um exemplo, n.º 27:



ANV: + VVITTERICVS RE.

REV: + PIVS ISPALI

O REI VITERICO, O PIO, mandou cunhar esta moeda de ouro em, ISPALI.

Acontecem só, pequenas variações na forma de ler estas moedas.

Vamos lá então ao n.º 28 (cunhagem do território hoje Portugal), dando assim exemplo de variações nas legendas:



ANV: + WVITTIRICVS RE

REV: + TVS ELVORA IVS

O REI VITERICO, intitulado de O JUSTO, mandou cunhar esta moeda de ouro em ELVORA.

António Carlos Diogo

António Carlos Diogo

Pizarro Bravo

Caro António Carlos Diogo:

Faz todo o sentido o conhecimento e estudo da moeda visigótica, como faz todo o sentido o estudo de milhentas coisas... Mas... onde há tempo para tudo? É preciso tomar opções, estabelecer prioridades e, no campo numismático, a minha atenção está virada para as romanas (República e princípio do Império) e para as portuguesas (monarquia até ao euro)!!! A moeda visigótica tem todo o interesse e em Portugal foram cunhadas belas moedas desse tempo. Há uma(?), cunhada em Chaves, (FLAVIIS ou FLAVIAS), um triente de Recaredo que se julga ser único.

Ver: “Um triente de Recaredo batido em Chaves”

- A. Elias Garcia, Castelo Branco, Julho de 1944.

Na próxima revista *Aquae Flaviae* deve sair sobre ela, da autoria de um dos nossos associados, escritor dedicado à numismática, de Lisboa.

Um abraço.

António Carlos Diogo

Aqui deixo a transcrição das legendas da n.º 21:



ANV: + RECCAREDVS RE.

REV: + EMERITA PIVS

- O REI RECCAREDO, intitulado de O PIO, mandou cunhar esta moeda em ouro na EMERITA.

As primeiras moedas (tremisses) em que aparece inscrito o nome de um monarca visigodo foram emitidas no reinado de Leovigildo, antes c. 510, Teodorico o Grande terá mandado lavrar no sul da Gália, tremisses do tipo VPW (Victória, Palma e Coroa), que destinaria ao reino visigodo. Mário Gomes Marques, na sua divisão, considera estas moedas de transição, moedas em que se encontram associados os nomes de Justino II e Leovigildo. As pré-nacionais serão o grupo formado por todas as moedas lavradas por visigodos em nome dos imperadores romanos sem menção aos seus próprios reis. As nacionais serão aquelas em que as únicas autoridades são soberanos visigodos. As de transição terão sido cunhadas em c. 575, durante muito pouco tempo, para logo darem lugar às primeiras moedas nacionais.

António Carlos Diogo

A existência de um numerário de cobre produzido pelos visigodos é uma descoberta recente, uma série de 24 pequenas moedas encontradas na região de Sevilha, e estudadas por Miquel Crusafont i Sabater. Não tenho conhecimento de novos trabalhos acerca destas moedas. Quanto aos bronzes de imitação usados pelos visigodos, penso que estas moedas eram e foram-no certamente, cunhadas para fazer face à falta de numerário que há muito já não chegava de Roma (autoridades locais investidas ou não do *jus monetae*). Talvez mesmo o ferreiro do local, tendo como modelos, as FEL TEMP REPARATIO... Teremos que ter sempre presente que as primeiras emissões visigodas que ostentam já, o nome de Leovigildo tiveram “meramente” fins políticos, do mesmo modo as emissões em que só já aparecem referências aos reis visigodos. De Leovigildo a Recesvinto (após reformas administrativas, só vinte e dois centros urbanos passaram a ter autorização de cunhar moeda, apenas três do actual território nacional: Egítânia, Bracara e Elvora) as oficinas proliferavam em todo o território visigodo, e para que servia o numerário em ouro? Deixo então, o debate em aberto para mais participações.

Antônio Carlos Diogo

A propósito de dois Sólidos de Justiniano II existentes no MNP/ INCM, cópias servis das moedas imperiais homólogas, a atribuição aos visigodos tem como base pormenores tipológicos assim como a distribuição geográfica dos respectivos achados. Com exactidão podemos afirmar que esta produção de solidi aconteceu depois de 507. Os monarcas visigodos instalados na Aquitânia tinham casa da moeda na respectiva capital, Tolosa. A verdadeira ocupação terá início em 472-473 tendo ficado limitada a parte da Tarraconense, algumas áreas da Cartaginense e à faixa oriental da Galécia... As necessidades monetárias dos visigodos na Hispânia seriam pequenas, daí se admitir que só terão emitido na Península depois de derrotados pelo franco Clodoveu, exactamente em Vouillé-507-. Alarico II (484-507) foi o último rei visigodo de Tolosa. Sabemos dos registos, que todos os achados de solidi, presumivelmente produzidos pelos visigodos depois de 507, tiveram lugar na Península Ibérica. Entre essas moedas existem espécimes em nome de Justiniano I, que poderão ter sido emitidas por ordem de Teudis (531-548) que havia transferido a corte para Barcelona e seguidamente para Sevilha... A criação do reino visigodo de Toledo dá-se em 573.

Aqui ficam mais estas achegas. O numerário em ouro conferia prestígio e poder à entidade emissora e aos poucos que a tinham “no bolso”.

Antônio Carlos Diogo

Aqui fica a transcrição das legendas da n.º 26:



ANV: + VVITT/R/ICVS RE

REV: + TOLETO PIVS I

O REI VITERICO (603-609), intitulado de O PIO, mandou cunhar moeda em ouro, em TOLETO.

Aqui deixo então a leitura de hoje, no. 29:



ANV: + CVNDEMARVS RE

REV: + PIVS ELIBERRI

O REI GUNDEMARUS/GUNDEMARO (609-612), intitulado de O PIO, mandou bater moeda em ouro, em ELIBERRI.

Para deixar respirar o ouro visigótico, falemos então, só um bocadinho, do ouro romano. Tomemos como exemplo o áureo 181:



ANV: IMP CAES L VERVS AVG

REV: SALVTI AVGVSTOR TR.P III / COS II (legenda do reverso que importa traduzir). Algo como: À Saúde dos Imperadores (Lúcio Vero e Marco Aurélio, irmão adoptivo de Lúcio Vero e com quem repartiu a regência do império )...

Emissão de Roma, agora só nos falta encontrar a refer.(a) RIC, Sear e outras.

Espero que este áureo (a preto e branco) nos permita o regresso “às aulas”!

Antônio Carlos Diogo

Antônio Carlos Diogo

António Carlos Diogo

Sabiam que nunca , mas nunca, na história da monarquia visigoda, rei tonsurado, voltou ao trono? Os procedimentos, andavam sempre à volta das seguintes práticas: A tonsura, o envenenamento, o assassinio e o “mosteiro”!

Ficam a curiosidade... e os relatos documentais (aquilo que nos permitem afirmar).

António Carlos Diogo

“ Era vasta a competência e autoridade dos almotacés para mandar executar as sentenças como mandar impicotar, expôr à vergonha na picota, ou mandar executar pequenos castigos corporais.”

“ Os Almotacés maiores devem fazer justiça a qual consiste em pôr o delinquente na picota e obrigá-lo a contar lá de cima cinco soldos para o concelho, conservando-o entretanto ali.”  
( Do direito consuetudinário que ainda se praticava no séc.XIII)

A picota, nome que se deu ao pelourinho até ao séc. XVI, tinha também a função de prisão na gaiola. Esta era construída de madeira encimando a coluna bastante elevada, onde o delinquente permanecia todo o tempo a que era condenado. Como as grandes colunas deixaram de ser encimadas pela gaiola prisão, veio a criar-se o remate simbólico e decorativo da pequena gaiola em pedra. Os pelourinhos eram padrões dos concelhos e símbolos da liberdade e autoridade municipal. Os antigos concelhos tinham grande autonomia administrativa e judicial.

Vamos lá então deixar aqui pelourinhos e a sua história, de Norte a Sul, terão que ser mais de três palavras ... combinado?

jpamsantos

Aqui fica um caminho relacionado.

Pelourinhos de Portugal:  
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria: ... m\\_Portugal](http://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:...m_Portugal)

Começo eu!

### **Pelourinho de Vila Viçosa**

(que ainda por cima não está na lista da Wikipédia)



Fronteiro à Porta da Torre, no local onde antigamente se situavam os Paços do Concelho e da Cadeia Pública, ou seja, na Praça Velha, mais ou menos a meio da actual Avenida dos Duques de Bragança que acompanha a cerca amuralhada desde os Agostinhos até à Igreja da Esperança, ergue-se um dos mais belos e elegantes pelourinhos que subsistem em Portugal, constituindo um verdadeiro ex-libris desta Vila-Museu.

Seu fuste quadrangular de pedra xistosa inteira com oito metros de altura, assenta sobre uma base de mármore ornada de quatro toscas figuras de rã esculpidas à moda românica. É rematado por uma elegante roca esferóide, também de mármore regional, aberta, golpeada e enfeitada de festões e folhas de acanto.

De rara beleza, de indiscutível valor artístico e documental, este símbolo do poder local e da justiça oficial, é exemplar notável e único na sua traça.

Destrans

António Carlos Diogo

Não consta, ainda, na Wikipédia... pois terá que constar! Tenho presente que o “material documental” existente na fonte referida, tem que ver, essencialmente, com as contribuições de todos nós, será? Pelourinho de rara beleza... amanhã deixo o meu!

Caro Destrans, logo ontem emprestei “Os Pelourinhos do Distrito de Castelo Branco”! Está desde já prometido o de Idanha-a-Velha.

Então não há orgulho nos pelourinhos que nos pertencem, a todos! Não se esqueçam que a apresentação terá que obedecer, tão somente, a mais de três palavras!

António Carlos Diogo

Como prometido aqui deixo o **Pelourinho de Idanha-a-Velha**.  
“Água mole em pedra dura, tanto bate até que se cansa.”



#### PELOURINHO DE IDANHA - A - VELHA

Possui três degraus redondos com aparelho aligeirado.

A plataforma em paralelepípedo tem os cantos acentuadamente assutados onde ressalta uma roseta por canto.

A coluna parte de uma base redonda passando à forma octógona. A sua altura é de dois metros e sessenta centímetros. A meia altura ainda se notam restos dos ferros de sujeição. O fuste é ligeiramente afusado em toda a sua altura.

O capitel é constituído um por elemento cilíndrico liso, com maior diâmetro na parte superior. Nele vem a assentar o remate em forma de cubo com elementos cantonais decorativos. Possui nas quatro faces as armas de Portugal, esfera armilar, cruz de Cristo e outros elementos já pouco visíveis, provavelmente o brasão de armas do antigo concelho.

Por peça terminal possui tronco de pirâmide rinculado com pequena esfera terminal de onde parte uma grimpia de ferro que termina em cruz.

É provável que o pelourinho seja do século XVI.

Largo da Igreja  
Freguesia de Idanha - a - Velha  
I.I.P. Decreto 23122 de 11/10/1933

IDANHA - A - NOVA

António Carlos Diogo

Moedas da Egitânia da Colecção Numismática Pinto de Magalhães, Catálogo, I Vol., Porto, 1963:

- Suintila (1 ex.), da Ex. Col. Elias Garcia
- Chindasvinto (1 ex.), da Ex. Col. Elias Garcia
- Egica e Vitiza (1 ex.), da Ex. Col. Elias Garcia
- Rodrigo (1 ex.), aquirido em Portugal (C.N.)

Ainda uma falsificação de Sisenando (M. Forgeries, 54), da Ex. Col. Elias Garcia.

Algun dos companheiros conhece este Catálogo de 1963? Onde param, actualmente, as referidas moedas? Agradeço desde já qualquer informação.

António Carlos Diogo

Continuando o “monólogo” e sempre com base na colecção BPM, restam acrescentar as moedas do território Nacional, que não as da Egitânia:

- Leovigildo (1 ex.) de Elvora
- Recaredo (1 ex.) de Elvora
- Viterico (1 ex.) de Elvora, da Ex. Col. Elias Garcia. ESTE já aqui traduzido.
- Sisebuto (1 ex.) de Lameco.

Fica assim reconstituída a Colecção no que ao numerário visigodo, diz respeito.

António Carlos Diogo

Caros companheiros, o espólio epigráfico encontra-se actualmente no Museu Lapidar de Idanha-a-Velha, construído para esse fim. O interior da Catedral foi transformado num agradável espaço para Estudos, Conferências, Palestras e outro eventos de índole cultural.

A terceira fotografia (já com mais de uma década), representa uma vista geral do núcleo arquitectónico.

Só mais esta passagem: “Arrasada pelos bárbaros invasores, por volta do séc.V, a povoação conheceu no período visigótico, sob o nome de Egitânea, momentos áureos de desenvolvimento, tendo

sido sede de diocese desde 599 e centro de cunhagem de moeda em ouro (trientes). São testemunhos materiais desse período, o Baptistério paleo-cristão e ruínas anexas do palácio dos Bispos e a Catedral, (esta com profundas e sucessivas alterações arquitectónicas posteriores).

Faço votos para que tenham gostado da viagem.



## Idanha, nobre e bela

É da mais antigas terras portuguesas. Poucas como Idanha a Velha ostentam tantos pergaminhos

**C**omeçou como castro serrano, mas foi, durante a ocupação romana, que atingiu importância e dignidade. Civitas Igaeditanorum, Egiditânia, Egitânia, Exitânia ou, simplesmente Idanha, fundou-se durante o período de César Augusto, sobrinho neto de Júlio César, quando Roma atingiu o seu apogeu. Decorre o século I.A.C.. De início, foi baluarte entre Mérida e Guarda.



IDANHA A VELHA situa-se numa região que é das mais sugestivamente belas do país



António Carlos Diogo

Ninguém gostou da viagem... terá sido pela preço, ou pela “seca” do chato de serviço?

- Muito eu me rio, para não chorar!

Amanhã é outro dia...e para castigo, regresso com a poesia. Pensando bem, talvez com mais apontamentos de gramática latina.

vma

Caro amigo

pela parte que me toca, neste assunto tem mesmo de ser monólogo... mas não se esqueça que já há quinhentos anos até os Reis assistiam a monólogos e gostavam... Continue, por favor, a ensinar-me. Obrigado

jpamsantos

Gostei muito da viagem e continuo interessado num curso base de visigóticas assim tenha professor e companhia. Cumprimentos

Parece existir algum “preconceito” acerca destas viagens através do Portugal profundo, aquele onde tantas vezes se encontra a génese de todos nós, será?

Será timidez? É certamente a minha ingenuidade equivalente a 44 anos de vida!

Obrigado aos companheiros livres de “preconceitos e timidez”; são esses que me indicam o caminho que terei que percorrer até “ganhar estatuto”!

Volto a relembrar este “modus operandi” da monarquia visigoda: Rei tonsurado ( todos os cidadãos usavam o cabelo curto, à romano, só os nobres, incluído o monarca usavam “guedelha” ), nunca voltou a ocupar o trono, era a humilhação...

de seguida esperava-o o convento, ou o envenenamento/assassínio.

Sabiam que o primeiro nobre visigodo a converter-se ao cristianismo foi Hermenegildo, primogénito de Leovigildo ( professava o arianismo ) , o unificador da Hispânia Visigoda? Sucedeu-lhe, o segundo filho, de nome Recaredo. Claro que a Hermenegildo, o príncipe rebelde, convertido por S. Leandro de Sevilha, “limparam-lhe o sebo”! Leovigildo unificou não só o império que chegava à Septimânia, como também foi o primeiro monarca visigodo a mandar cunhar a primeira moeda NACIONAL visigoda, e que levava inscrito o local de cunhagem; é assim que através da moeda, o monarca exerce e põe em relevo a total autonomia em relação ao império romano, de há muito, mas muito tempo, moribundo. Falamos de política a todos os níveis da sociedade do Séc. VI. !!! Tenebroso!!!

Recaredo que por sua vez se converte ao catolicismo no concílio de Toledo.

António Carlos Diogo

jpamsantos

António Carlos Diogo

Converte-se ao catolicismo em 589, no III Concílio de Toledo. Conhecemos moeda em nome de RECCAREDVS (586-601), no que a oficinas do território hoje nacional, diz respeito, de: Bracara, Cepis, Coleia, Monecipio, Elbora, Iminio, Olisipona, Portocale, Totela, Vallegia e Egitania. Quanto à moeda que VV. Reinhart descreve como tendo sido cunhada em Pannonias, nunca se confirmou a sua existência. Existem dois trientes de Recaredo no MNP(CASA DA MOEDA), um de Elbora, o n.º 3827 ( penso tratar-se do exemplar achado na Feiteira/Alcains), e outro de Iminio, o n.º 3831. Da coleção do Senhor Carlos Costa faz parte um de Monecipio ( informação do Eng.º Francisco Magro).

jpamsantos

Até ao fim do reinado de RECCAREDVS,ano 601,que valores e metais são conhecidos.Há alguma uniformidade de pesos e diâmetros na produção das diversas oficinas?

jpamsantos

Tanta paciência, para tão pouca inteligência! Estes visigodos parece terem cá deixado muitos “genes”! Será?

Faz-me lembrar o aproveitamento publicitário e/ou propagandístico: E ladrões? Eram mais de dez bandidos, uma dúzia de políticos e dois visigodos! Faltam os dois polícias que sobrevoaram o SPZC, na Covilhã. Atenção à intervenção/defesa da S.ra Alzira Serrasqueiro... também ela tem à semelhança de todos nós “uma costela bárbara!”

Quanto aos metais, só ouro. Quanto ao peso, muito leve: menos de 1 gr, aos 2 grs.  
Logo que me for possível, deixarei uma síntese acerca do peso e da metrologia.

jpamsantos

Aqui vai uma pequena síntese:

**Do achado de Abusejo** (Castela e Leão/Salamanca):

Recaredo - 1,6 g.  
Recesvinto - 1,5 g.

Vamba - 1,55 g.  
Ervigio - 1,60 g, 1,55 g, 1,46 g, 1,50 g.  
Egica - 1,40g, 1,45 g, 1,50 g.

- Da ex. Coleção Elias Garcia:

Egica da Egitânia - 1,40 g / 20mm.

- Da coleção Carlos Costa:

Vitiza de Bracara - 1,34 g / 22mm.  
Vitiza da Egitânia - 0,95 g / 20mm.

- Do Museu Numismático Português (INCM):

Rodrigo da Egitânia - 1,38 g / 20mm.  
As duas mais pesadas do espólio do MNP, são uma de Chintila - 1,54 g / 17mm. E uma de Recaredo - 1,53 g / 17mm.  
Faz igualmente parte do MNP, um triente de Hermenegildo ( falsificação?) - 1,78 g / 20mm.

Espero ter deixado um ponto de partida. Quanto aos metais, oportunamente falaremos de umas “alienações” e algo inédito, até há relativamente pouco tempo.

Não deixa de ser curioso que as mais pesadas são as de menor diâmetro.

jpamsantos

Infelizmente, quanto às moedas do Achado de Abusejo, Felipe Mateu y Llopis, não nos “deu”, na sua Miscelânea Arqueológica, os diâmetros. O estudo foi feito a partir de decalques que lhe haviam sido entregues por Manuel Gómez-Moreno em Junho de 1936. Só assim Mateu y Llopis conseguiu reconstruir o Achado, as moedas levaram caminhos diferentes, o tesouro dispersou-se. Daí a razão de também só termos os pesos de “meia dúzia” de exemplares. O achado data de 1932, os decalques de 1936 e a Miscelânea, de 1974.

António Carlos Diogo

jpamsantos

2500 vistos no tópico !!! Eles andam aí!

Estive a pesquisar na net e de facto não são muitos os lugares onde esta matéria se possa aprender. Dentro das minhas possibilidades vou ajudar á festa mas não desisto pois na minha idade já são raras as possibilidades como esta de aprender.

António Carlos Diogo

VAMBA-WAMBA-VVAMBA-BAMABA-UVAMBA (672-680), foi eleito rei a seguir à morte de Recesvinto. Desejando que o leitor partilhe comigo o imaginário egitaniense e nacional, procuremos o início da “lenda histórica” que se perpetuará connosco; VAMBA, homem guerreiro que só pretende repousar usufruindo do estatuto de “gardingo” não aceita ser rei dos Godos, é-o “à força”, e porque a vara de freixo floresceu tal o desígnio de Deus. Esquecer a sua terra, não cheirar a sua terra, trabalhá-la, escutá-la... “Após a tempestade a bonança”, só que o destino por pouco tempo lhe permite desfrutá-la, foi eleito pelos nobres da Aula Régia em 672 na localidade de Gérticos, no entanto fez questão ser coroado em Toledo, a capital. Sabemos que teve que acudir a “muitos fogos” tendo alcançado importantes vitórias. Não será de estranhar neste contexto, já haviam rumores do desembarque de forças berberes na Península, o ter-se esquecido da Egitânia quanto à cunhagem de moeda...” Em casa de ferreiro, espeto de pau”, para isso houveram outros políticos. Aconselho a leitura, entre outros, de “Rei Wamba-Espaço e Memória, Maria Adelaide Neto Salvado, Pedro Salvado, A Mar Arte, Coimbra, 1995.

Gostaria e fá-lo-ei assim que puder pessoalmente, perguntar aos acima citados e a outros historiadores, porque afirmam a existência de numerário em nome de Vamba batido na Egitânia? Aproveito para esclarecer que a grafia adoptada a partir de Vamba: I.D.N. / I.D.I.N.M. / I D M N / IND. N. M. / INDINM / INDNE..., não significa Idanha, como alguns defendem, mas sim em abreviatura “IN DEI NOMINE”. ( Continua )

Parte de uma artigo de opinião por mim assinado, publicado no Reconquista em 12.11.06.

Merece-me aqui, uma nota para SISEBUTO 612 a 621, que penso ter sido o Io a mandar bater moeda em Lamego, terra na qual reconheço estarem as minhas raízes.

Quanto a WAMBA, teve na vara de freixo, a expressão da vontade divina e talvez, pergunto eu, a inscrição “IN DEI NOMINE” resulte dessa convicção, WAMBA recolhe a um convento após a revolução comandada por ERVIGIO ter seco a vara de freixo....

jpamsantos

Vamos então concluir a exposição do Vamba.

.../... As referências a moeda de Vamba aparecem-nos primeiramente com Manoel Pereira da Silva em “Memórias para a História Eclesiástica do Bispado da Guarda, 1729, “a pág. 26, diz ter visto uma moeda de Vamba cunhada na Egitânia, com a legenda, no anverso UVAMBA REX e no reverso IGEDITANIA PIVS, é pouco provável, Vamba foi o primeiro monarca visigodo que adoptou e sempre a legenda, como já referi, IN DEI NOMINE, independentemente da oficina. Quanto à legenda do reverso também não se conhece nenhuma moeda, de nenhum monarca visigodo, com a grafia IGEDITANIA.

O Padre Joaquim Martinho em 1758 na resposta ao Inquérito Pombalino na referência à Egitânia e para fundamentar a naturalidade de Vamba diz mais ou menos nestes termos:

(...) Da cidade de Idanha foi natural o rei Vamba, como se tem visto em moedas de prata que ainda se encontram com a inscrição o Bamba egitaniense (...).

Claro que do ponto de vista numismático é de uma total incorrecção, sem qualquer fundamento, além dos trientes não se conhece nenhum exemplar em prata (ainda que a partir de Egica/Vitiza, alguns trientes serem, as tais alienações que referi algumas intervenções atrás, 50% ouro-50% prata). Só no início da década de oitenta (1984) se teve conhecimento através de Crusafont i Sabater, da existência de numerário em cobre presumivelmente produzido pelos visigodos através de um achado na região de Sevilha. Perdoemos ao P.e Martinho, homem erudito, este “pecado menor” no exercício do seu patriotismo.

Não conhecemos moeda de Vamba do actual território nacional. É conhecido numerário em nome de Vamba de apenas cinco oficinas, nenhuma do território hoje Portugal.

António Carlos Diogo

António Carlos Diogo

Ainda a propósito de Vamba, vejam esta nota:

De acordo com os conceitos da época, a reposição no trono, isto quando se fala em Eborico, no trono suevo não seria possível, visto que a tonsura, mesmo que imposta contra a vontade do tonsurado, incapacitava para o exercício do poder régio. Daí que, nos reinos bárbaros cristianizados, se tenha recorrido à tonsura dos monarcas depostos e cuja vida se queria poupar, isto para evitar quaisquer veleidades de tentativa de reconquista do poder. O caso mais conhecido, por ter dado origem a muitas lendas populares, foi o do rei visigodo Vamba, que, para ser afastado do trono, terá sido drogado e tonsurado enquanto inconsciente. Foi exactamente o sucessor de Vamba, Ervígio (680-687), o chefe de tão maléfica conspiração.

jpamsantos

Peço desculpa antecipada pelo não rigor histórico, mas como lenda? Lenda do Rei Wamba:  
[http://olhares.aeiou.pt/castelo\\_do\\_rei\\_...56776.html](http://olhares.aeiou.pt/castelo_do_rei_...56776.html)

António Carlos Diogo

Uma das lendas populares do rei Vamba! Conheço o local e posso garantir-lhe que nunca foi castelo do rei Vamba. Mais uma versão passada de boca em boca até aos nossos dias: O imaginário de um povo, no qual a lenda se perpetua, se sublima!

Pizarro Bravo

Também aqui, perto de Chaves, na povoação do Cambêdo, freguesia de Vilarelho da Raia (onde fui batizado!) existe um monte onde se diz ter existido um castelo de Vamba. Ali, ainda hoje aparecem restos de cerâmica.

António Carlos Diogo

Maravilha! Não tenho um “total” conhecimento do percurso destas versões populares lendárias tendo o Vamba como herói. Em toda a Beira Baixa o material é abundante, até Chaves não tinha ideia. Amigo Fernando, somos todos da mesma família!

Mais um dado relevante acerca de Vamba:

António Carlos Diogo

A 1 de Dezembro de 656 celebrou-se em Toledo o X Concílio desta cidade, reunindo 17 bispos entre os quais os de Braga, Évora, Porto e Lisboa. Reinava então Recesvinto e por mandado deste rei, foi pedida à assembleia do Concílio a análise do testamento de S. Martinho, antigo bispo da Igreja de Braga e fundador da Igreja de Dume. O emissário de Recesvinto foi Vamba. Assim está relatado o facto nas actas do Concílio:

“(…) por mandato del glorioso señor nuestro el rey Recesvinto, y por medio del ilustre Wamba, el testamento de san Martín, de gloriosa memoria, obispo de la iglesia de Braga, el cual se sabe construyó el monasterio de Dumio, para que abriéndolo tomásemos conocimiento de lo que él aquel beatísimo varón disponía...

José Vives, Concilios Visigóticos y Hispano Romanos, Barcelona, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1936, p.322.

As razões da preocupação de Recesvinto com a análise conciliar do testamento de S. Martinho de Duma prendiam-se com aspectos de um outro testamento: o do bispo da Igreja Dumiense, Ricimiro. Este bispo determinou que todos os tributos e frutos da Igreja de Dume fossem anualmente distribuídos pelos pobres, sem que qualquer parte deles pudesse ficar cativa para benefício da Igreja. Declarou libertos alguns dos servos dessa Igreja (...); mandou vender alguns bens a tão baixo preço que “su negociación más parecía una pérdida que no una venta” - José Vives, ob. cit, p. 323.

Para lá de todos estes aspectos, importa realçar que o elo de ligação entre a Igreja e a Monarquia foi efectivamente Vamba. Maria Adelaide Neto Salvado e Pedro Salvado, ob. cit, p. 56, dizem-nos o seguinte:

Seja-nos pois lícito poder concluir, neste contexto, do relevo que assume Vamba, ao ser ele, e não qualquer, o escolhido como emissário real. Em consequência, julgamos de igual modo ser este facto prenúncio de toda a brilhante acção governativa reformadora e até moralizadora da Igreja do seu tempo que, uma vez rei, Vamba concretizaria ou incentivaria.

De importância para esta temática, a obra de George Cardoso, *Agiologio Lusitano*, Tomo I, Lisboa, 1652.

António Carlos Diogo

Muito se tem escrito e especulado ao longo dos séculos acerca da naturalidade de Vamba. No século XVIII, em Mappa de Portugal, João Bautista de Castro, escreveu a propósito:

*“ Es Beira la tercera Region, que ostenta  
De Viriato el Nombre formidable,  
Donde Coimbra Episcopal se assenta  
De Mondego en la orilla deleitable”  
(...)  
Sin Mitra Idanã, solo el timbre guarda,  
Que de Wamba adquirio patria elegãte;  
Mas poblacion la nueva Idanã tiene,  
Que en el sitio cercano se contiene.”*

De salientar a referência ao declínio de Idanha-a-Velha ultrapassada pela vizinha Idanha-a-Nova, já “sin Mitra”, sem bispado, apenas o passado glorioso de ter sido a pátria de Vamba.

Outra nota, esta de António Diniz da Cruz e Silva, Odes Pindaricas, 1815, p.249.

*“O grande Wamba, rei dos Visigodos na Hespanha, que succedeu a Recesvinto no anno 672. Os nossos Escritores o fazem Portuguez de nascimento, e morador na antiga Cidade da Idanha”.*

A este propósito escrevi num artigo de opinião, o seguinte em homenagem à minha (nossa) Egitânia:

Cemitério de cinzas e Vida,  
Onde repousa ancestral pó;  
pó de S. Dâmaso e Santa Irene Vamba e Egica.  
Idanha que foste Cidade, Museu da Humanidade,  
mostra aos cépticos a matéria de que és feita!  
Exemplar arqueológico da Civilização,  
dá protecção aos que te habitam e lucidez aos que te estudam.

Idanha-a-Velha merece a bonita homenagem que lhe dedicou.  
A naturalidade do rei Vamba, ao ser reclamada para Idanha, só revela o respeito ou estima que por ele o povo nutria!  
Como é diferente..!

jpamsantos

A indicação de Idanha-a-Velha como local de nascimento de Vamba acontece na segunda redacção da Crónica Geral de Espanha de 1344... Lindley Cintra supõe ter sido redigida em finais do séc. XIV, princípios do séc. XV.  
Discutia-se entre os dois países ibéricos, a legitimação fundamentada à posse de novas terras. Com o decorrer dos séculos foi sendo esbatida a pretensão castelhana de primazia nos direitos à herança espiritual dos godos.

António Carlos Diogo

Catedral de Idanha-a-Velha. Imposta visigótica, de mármore branco. De realçar a representação de folhas de palma, igualmente presente na moeda.

António Carlos Diogo



Continuando o “quase monólogo”, pergunto: É História do território hoje nacional já por todos os companheiros conhecida? Talvez através do mediatismo do Prof. José Hermano Saraiva.

António Carlos Diogo

Muito me entristece o conteúdo de investigação não ter aqui outra importância e/ou escola... como já disse: “Água mole em pedra dura, tanto bate até que se cansa.”

O Fórum tem grandes e bons exemplos de investigação, a tónica, talvez não seja essa, ainda assim gostaria que todos levassem “a coisa um bocadinho mais a sério”. Mas esta é a minha opinião, tenho e terei sempre presente, o entretenimento.

jpamsantos

Fui encontrar nesta morada :  
[http://www.ippar.pt/monumentos/sitio\\_idanha.html](http://www.ippar.pt/monumentos/sitio_idanha.html)

Basílica de Idanha, fundada século IV, mais tarde basílica visigótica, falamos certamente da mesma catedral? Quanto às folhas de palma nas moedas será imitação das romanas ou terão outra motivação?

António Carlos Diogo

Numa frase, companheiros: Redutor, impreciso e com incorrecções, num tão pequeno texto. Sou obrigado a escrever: ippar ( assim está correcto).

jpamsantos

Peço desculpa ao amigo Lelo, mas com a ajuda que agradeço, ao igualmente amigo Nuno Bonaparte está corrigida a situação. Quanto ao ippar, amigo Diogo, a lei das probabilidades manda que por vezes é impar!

António Carlos Diogo

Baptistério. Diz-nos D. Fernando de Almeida em Ruínas de Idanha-A-Velha-CIVITAS IGAEDITANORUM: Antes de entrarmos na Catedral, vale a pena observar o baptistério do séc. VI ou anterior, e ver a sua piscina com dois degraus de um lado e outros tantos do outro. Notar duas pequenas plataformas em frente uma da outra: uma seria para o Bispo a ocupar durante o acto do baptismo, a outra para o seu acólito. Ao lado de cada plataforma há outra mais pequena para a vasilha de água e objectos necessários ao acto. O tanque era revestido por mármore branco, com laivos, tipo Estremoz, de que há fragmentos “in situ”.

O ano passado foi posto a descoberto outro baptistério no lado norte da Catedral.

Baptistérios destes, existem por aí às “carradas”!  
Continuamos com os “bárbaros cristianizados”.  
Quem já conhecia estes baptistérios que remontam às primeiras práticas “institucionalizadas” do cristianismo, na Península Ibérica? Na Egitânia?



Não consigo entender esta “quase ausência de chá”! Se a informação não passa e as subsquentes intervenções não surgem, uma única e definitiva conclusão: Não vale a pena, chover no molhado!

Procurei mas com surpresa verifiquei não existir muita informação sobre este tipo de baptistérios e nem sequer sobre arquitectura visigótica em Portugal.

Contudo existe bastante material localizado em Espanha que se encontra estudado e cujos conteúdos se encontram acessíveis. Isto só para realçar o interesse deste tópico

jpamsantos

Há cerca de 15 anos atrás desloquei-me a Idanha-A-Velha e recordo-me de ter visitado o baptistério, lembro-me de o senhor que lá estava ter referido algo como sendo unico na peninsula ibérica

DAlmeida

e talvez na Europa devido á sua disposição particular.Lembro me também desse mesmo senhor (que infelizmente não me recordo o nome) me ter comentado que aquando da reconstrução de um arco romano de uma das entradas de Idanha,lhe faltar uma pedra das II que constituíam o arco e que ele a encontrou ao fim de vários anos.

António Carlos Diogo

Caro DAlmeida, era , digo era porque já faleceu, o Sr. Beatriz, desde a 3.a/4.a classe que acompanhou todos os trabalhos levados a cabo por D. Fernando de Almeida, os trabalhos do núcleo arqueológico começaram a ser orientados em 1955 por D. Fernando de Almeida e foram interrompidos com a sua morte em 1979. O Sr. Beatriz foi o guardião do núcleo e da Egitânia até falecer; conhecia todos os “segredos” da Egitânia. Quando “desbobinava a cassette” os seus olhos brilhavam e irradiavam uma plenitude de sabedoria e conhecimento incríveis.

Quanto à arquitectura visigótica em Portugal temos a Catedral de Idanha-a-Velha, S. Pedro de Balsemão(Lamego) e S. Frutuoso de Montélios(Braga). Em Espanha os templos de S. Juan de Banós, em Palência, Santa Comba de Bande, em Orense, e a de S. Pedro da Nave, em Zamora.

Há peças visigóticas nos museus de Beja, Elvas, Idanha-a-Velha, Sines e no Museu Nacional de Arqueologia.

Quanto ao baptistério tem de facto uma disposição muito particular, acima descrita.

O Sr. Beatriz referia um outro muito parecido, de momento não tenho presente se em Espanha ou mesmo Bizâncio, como ele dizia.

DAlmeida

Caro Sr.António Diogo,recordo-me perfeitamente da forma contagiante como o Sr.Beatriz transmitia os seus conhecimentos.De tal forma que em grande parte o seu entusiasmo me contagiou a mim também...Recordo-me também da sua tristeza na altura pela falta de fundos para realizar escavações...

Tudo isto me marcou,e foi um grande contributo pelo interesse pela antiguidade e pela historia do nosso pais que hoje tenho.

Aqui deixo a homenagem a um Homem que sempre amou a sua terra e à qual nunca renunciou, até à morte. Um Homem simples, mas também fiel depositário dos ensinamentos eruditos de D. Fernando de Almeida. Também eu fui contagiado por aquele homem, “herdeiro” dos Igaeditanos, Romanos, Suevos, Visigodos e Árabes, aliás como todos nós, mas o Sr. Beatriz no centro do anfiteatro.

António Carlos Diogo

Não posso deixar de admirar o comportamento de gente humilde e muito culta que á semelhança do sr Beatriz amam o nosso esquecido património.Aqui deixo a morada para quem deseja ver a basilica de S. Pedro de Balsemão

jpamsantos

[http://www.cm-lamego.pt/main\\_fototeca\\_740.htm](http://www.cm-lamego.pt/main_fototeca_740.htm)

Nas “artes menores” sobressai a joalharia. O adorno pessoal mais decorativo era a fíbula, fivelas decorativas, com incisões, lâminas de prata e incrustações.Fíbulas em forma de águia, alveoladas, preenchidas com pedras de vidro de cores semelhantes às peças de joalharia meronvícia.

António Carlos Diogo

Na imagem (página seguinte, figura1) coroa votiva de Recesvinto em ouro, pedras e esmaltes; note-se a influência bizantina, à semelhança do numerário visigodo.  
(Museu Arqueológico Nacional-Madrid).

Aqui fica um outro tesouro (página seguinte, figura2) representativo da joalharia visigótica,espero que apreciem.  
Quanto á coroa de Recesvinto simplesmente magnifica!

jpamsantos

Que bela peça! É possível datá-la mais rigorosamente?

Lunor

figura1



figura2



A datação destas e outras peças que poderá ver em:  
[http://commons.wikimedia.org/w/index.ph ... uselang=pt](http://commons.wikimedia.org/w/index.ph...uselang=pt)

*jpamsantos*

não está disponível, mas pela utilização por exemplo a coroa de recesvinto dita que seja por volta de 649!

E porque falamos de joalheria visigoda aqui fica esta pequena jóia na forma de uma moeda. Palavras para quê?

*António Carlos Diogo*

Triente | ouro | peso 0,95 g | Ø 20 mm

**Proveniência:** Colecção Carlos Alberto Marques Costa



**Anverso:**

+ INDHHEVVITTIZARx

+ IN D(EI) N(OMI)NE VVITTIZA R(E)X

Busto à direita



**Reverso:**

+ EGITANIPIVS

+ EGITANIA PIVS

Cruz entre pontos sobre três degraus

*jpamsantos* Agora é que são elas, as moedas, de volta do alfabeto às combinações mais frequentes para tentar ler as legendas, descobrir os pormenores, estou tramado!

*António Carlos Diogo* Caro José Pedro, aumente a imagem e faça a leitura no sentido dos ponteiros do relógio. E nunca esqueça que: “Santos da casa, não fazem milagres!”

*jpamsantos* Como tenho uma cabula da tipologia do alfabeto visigodo e com a sua dica neste tópico “a partir da cruz e no sentido dos ponteiros do relógio” este VVITTIZA foi superado! ZApA.

*António Carlos Diogo* Aceitam-se novas contribuições!

*jpamsantos* Aqui deixo um artigo sobre moedas visigóticas e Lamego  
<http://www.lamegohoje.com/index.asp?idE ... on=noticia>  
espero que mereça o vosso interesse.

*António Carlos Diogo* Bem... um primeiro comentário, “à pressa”:  
- E a Egitânia?

*jpamsantos* Para que renasça aqui deixo o genuíno!  
<http://photos1.blogger.com/blogger/6168 ... owamba.jpg>  
Amigo Diogo mãos á obra!

*António Carlos Diogo* Caros companheiros é sempre bom saber que o nosso trabalho tem destinatário.

Em Julho de 711, perto de Medina-Sidónia, as tribos berberes comandadas por Tarik ben Ziyad, vencem Rodrigo que terá morrido na batalha. Outra “versão” diz que Rodrigo terá fugido (existe em Viseu,

na Capela de S. Miguel, um sarcófago dizendo que o seu corpo está ali depositado)...

Quanto ao “antropónimo mistério” , consta que Achila II, um dos filhos de Witiza, terá reinado alguns anos, a numismática diz-nos que o mesmo mandou bater moeda em Narbona, Tarracona e Gerunda.

O chamado freixo de WAMBA EGITANIENSE (é o que se pode ler numa pedra das que compõem o muro em volta do mesmo e mandada aí depositar por D. Fernando de Almeida, no exacto lugar onde teria existido outra mais antiga). Ainda em vida de D. Fernando de Almeida, foi atingido por um raio, cambaleou, endireitou-se e ali permanecerá até à eternidade.

O baptistério posto a descoberto recentemente, no lado norte da Catedral da Egitânia (Idanha-a-Velha) e de que já tinha dado notícia. Reparem no estado de conservação.

*António Carlos Diogo*



Aqui fica uma morada para visitar o castro de Lanhoso (original e réplica): <http://www.guadacidade.pt/portugal/ind ... tritoid=03>  
Quanto às moedas de Requiário não encontrei!

*jpamsantos*

António Carlos Diogo



Só dizer que este espécime é único e que pertence a um colecionador português.  
Vamos tentar lê-lo.

Esta moeda terá que, obrigatoriamente, dar-nos “pano para mangas”... o falsário Becker terá que ser “tido sempre em conta”. Todos os colecionadores e investigadores do numerário visigodo, “albergam” nas suas colecções: Falsificações (atingem e valem algumas vezes mais que as emissões provadas autênticas). Um mundo ainda por estudar!

António Carlos Diogo

Caros amigos tenho estudado o tipo de letra destes exemplares em nome de Witiza do território hoje nacional ( quanto ao metal só recorrendo aos laboratórios, teste de PIXIE...). José deixe-nos aqui s.f.f.a moeda em nome de Witiza da Egitânia ( a minha edição do A.G. é a de 2003 ), obrigado.

António Carlos Diogo

Ora aqui fica o pedido!

jpamsantos

✠ WYTTISA

WITIZA – 702 - 710

Witiza ficou único rei à morte de seu pai, nos finais de 702. Os principais factos ocorridos durante os anos deste seu governo são incertos, por não se encontrarem fontes escritas que os relatem, e mesmo a data da sua morte natural, em Toledo, no início de 710, não tem um consenso geral. Quanto à moeda, não lhe eram conhecidas casas de cunho na província Galaecia e da Lusitânia só existirem espécimes de Emérita. O Museu de Estocolmo (Suécia), tem uma moeda falsa de Witiza, com indicação de BRACARAPIVS, presumivelmente inspirada num cunho de anverso de Beker. Apareceram agora exemplares cunhados em Braga e Egitânia.

EGITANIA (IDANHA-A-VELHA)



INDIHHVWITIZA P  
EGITANIA PIVS

01.02 ..... 2 exemplares conhecidos

BRACARA (BRAGA)



INDIHHVWITIZA P  
BRACARA PIVS

WI

01.01 .....

ÚNICA

António Carlos Diogo

Caros amigos acabei de falar via tlm com o Sr. Carlos Alberto Marques Costa (quem tem acompanhado este post já “conhece” este coleccionador), pessoa de bom trato e disponível para me ouvir e esclarecer; as dúvidas e avidez de saber continuam a ser muitas. Bem... a moeda de Braga foi peritada, submetida a todos os testes e catalogada; é uma emissão oficial em nome de Witiza e única. Quanto à da Egitânia o Sr. Carlos Costa não tem presente se também pertence ou não à sua ex. colecção, leram bem ex., isto porque toda a colecção foi vendida há alguns meses ao Banco Espírito Santo. Fiquei igualmente a saber que a instituição está a preparar com a ajuda do mesmo um catálogo descritivo em livro e o mesmo conteúdo, para breve, no site oficial do Espírito Santo, teremos que estar atentos. De salientar que o Sr. Carlos Costa, (quando desabafei e fiquei aliviado pelo facto de a colecção ter permanecido em Portugal e com toda a visibilidade que vai ter) teve como preocupação esse facto, ficar em Portugal.

Como informação adicional acresce referir a mais recente e completa obra do numerário visigodo, o livro/catálogo de Jesús Vico Monteoliva que está a ser comercializado em Portugal pela numisporto do Sr. Ferreira Leite? ( agradeço a confirmação dos amigos do Porto e o contacto da mesma).

António Carlos Diogo

Sentado na secretária porque tenho que escrever; aqui deixo (à direita). esta um pouco mais difícil de ler. É um prazer ter companheiros atentos e que querem aprender em conjunto; uma “irmandade” na moeda antiga, à semelhança de outras que aqui residem.

lelo 13853

Egica-Witiza? Lauruclo.

António Carlos Diogo

Companheiros, há um aspecto que ressalta das nossas conversas ou talvez não, mas que quero deixar sempre presente, eu também estou e estarei sempre a aprender sem, tenho a certeza, nunca poder ambicionar ser um profissional da moeda antiga, seja ela qual for. É uma paixão pelo coleccionismo, pela história dessas moedas, paixão pelos exemplares que todos os dias aqui descobrimos, paixão pela comunicação (sei que falo de mais), pelas amizades que aqui



descobrimos, pela solidariedade desta casa, pelo reconhecimento e agradecimento públicos que a todos dedico. A génese desta minha cruzada teve como “arma de arremesso”, como embrião, as minhas Idanhas (sempre fui delas e nunca lhes pertenci); entretanto esse tempo já lá vai e ainda bem, é sinal que não me fiquei só pela rama; “quero saber tudo” sobre as emissões produzidas pelos nómadas que até aqui chegaram e aqui permanecem e dos quais, a moeda, é o maior testemunho.

Quanto a esta moeda, um triente (tremissis) visigodo, não tenho qualquer leitura de qualquer perito, só as imagens, mas que imagens! Daí que a minha sugestão de leitura não passe disso, uma sugestão de leitura do que consigo entender da mesma. Nunca, até me chegaram à mão, as fotografias (deste exemplar só mesmo as fotografias) do catálogo da Exposição de Lisboa, tinha visto tal exemplar. É uma moeda muito curiosa, em todos os aspectos, e terá quanto a mim, muito a ver com a oficina de cunhagem, abridor do cunho incluído. As legendas de ambos os lados acrescentam uma variante que eu desconhecia e que porventura admito possa ser este exemplar único (não sei). Quanto ao monograma do reverso, não sei qual a leitura a que os técnicos da Exposição chegaram. De que oficina se trata? O Mário sugeriu CALIABRIA, não sei.

O Catálogo do BES, tenho a certeza vai dar-nos a possibilidade, de descobrir exemplares que até agora desconhecemos, só uma pequena elite os conhece. Muitos deles únicos, raros, variantes novas.../.

Deixo então a minha sugestão de leitura:

ANV: + INDINEGICARxRECS      REV: + WITTIZARxRECS

O monograma também não me parece obedecer às combinações mais conhecidas... sugiro ELVORA.

vma

Influenciado por este tópico encomendei o Livro “Marcas de Poder - Moedas Visigodas em território Português” no Banco de Portugal... Chegou ontem... agora é preciso tempo para o ler. Mas parece-me bem feito. Quem o quiser encomendar deve ir ao site do Banco de Portugal: <http://www.bportugal.pt>

Caro Vitor Almeida esta moeda que tentamos decifrar, consta nesse livro. Diga-nos s.f.f. tudo o que aí vem descrito/ documentado. Obrigado.

António Carlos Diogo

Caro Aurélio Santos, ainda não me tinha apercebido, peço desculpa, da sua sugestão para a oficina de cunhagem: LAURUCLO.

Ora muitas novidades se passaram nesta ausência forçada, em primeiro a notícia da aquisição da colecção Carlos Costa, pelo BES, bem eu não sei se alguém tem conhecimento da grandeza desta colecção, o catálogo em preparação trará por certo muitas surpresas. Quanto ao Tremissis de Witiza é de tirar a respiração. Livros do Banco de Portugal recomendo também “Moedas com História”.

jpamsantos

Caros amigos em homenagem a lamego aqui deixo um produto da sua cunhagem! Que me dizem!

jpamsantos





António Carlos Diogo

Caro José Pedro, aguardava com sinceridade essa sua homenagem, não poderia ser eu a fazê-la.

Os companheiros vão certamente ler as legendas; o anverso “ficou de cabeça para baixo”.

jpamsantos

Perdoem o lapso, mas o entusiasmo, é muito!  
Ainda em relação ao Tremissis de Witiza a oficina de cunhagem é dada como Laure, que refere o AG como pertencendo à Diocese de Bracara.

lelo13853

Laure....Fiquei lá perto, o que me enganou foram os 2V's  
SUINTHILARE  
LAMECOPIVS

Caros companheiros isto de estudar em conjunto dá sempre melhores frutos. O meu AG é o de 2003, contempla duas variantes de Sisebuto da oficina de LAURE. A última edição contempla a moeda de Witiza da oficina de LAURE, e com o mesmo monograma? Se assim for temos essa parte resolvida; ficará por desvendar a quem pertence. Ainda pensei tratar-se do monograma de ELVORA, aparecem monogramas desta oficina com comportamentos “estranhos”. Só um pequeno ajuste na transcrição das legendas da moeda de Suíntila:

ANV: + SVINTILARE. REV: + LAMECOPIVS

Com pedido de desculpa se errar, mas penso que a moeda pertence à colecção do Dr. José António Godinho Miranda, co-autor do livro Marcas de Poder e notável coleccionador, com diversos trabalhos publicados.

Apaguei a minha última intervenção, do facto peço desculpas, os companheiros não merecem tamanha estupidez! Continuamos a aguardar a intervenção do companheiro vma; quanto a J.A. Godinho Miranda, só o conheço da página de agradecimentos que faz a ANP no A.G. (pelos vistos um grande coleccionador).

Sobre o tema aqui deixo uma morada que nos permite conhecer melhor o Dr J A Godinho Miranda:  
[http://www.numismaonline.com/pdf/Revista\\_n62.pdf](http://www.numismaonline.com/pdf/Revista_n62.pdf)

A inclusão como colaborador e foto pag 7  
Que dizer do artigo e das moedas?

Maravilha...obrigado.  
Acabei de “passar a pente fino” a revista da numisma. Quantos nomes que eu só conhecia dos livros: Jesús Vico Monteoliva (um investigador e especialista do numerário visigodo, de eleição); quantas vezes aqui temos feito referência aos seus trabalhos, Gonzalo Cores,

António Carlos Diogo

jpamsantos

António Carlos Diogo

jpamsantos

António Carlos Diogo

María Jesús Cores, Godinho Miranda, Javier Salgado... Lá estão os cobres de Miquel Crusafont i Sabater (Crusafont i Sabater, M., "Un numerario visigodo de cobre?", Gaceta numismática, 1984). Pena que Blanca Ramos Jarque se tenha ficado nesta ocasião, pela informação que das moedas mais procuradas são precisamente as da Lusitania e da Gallaecia; ficará certamente para uma próxima edição da Revista da Numisma.

Esta Revista tem o condão de juntar a qualidade dos temas expostos à informação rigorosa e actualizada, parabéns aos responsáveis muito em particular se me é permitido ao nosso companheiro, Jaime Salgado.

Lembrei-me e aqui deixo a morada para um artigo que acho muito interessante de Maria Ruiz Trapero sobre o nosso tema:

[http://www.ucm.es/info/documen/articulos/art\\_primera/art\\_maria.pdf](http://www.ucm.es/info/documen/articulos/art_primera/art_maria.pdf)

jpamsantos

Quanto á homenagem a Lamego e colocada a moeda de Suintila ficam a faltar moedas de mais 4 reinados vou tentar, não prometo!

António Carlos Diogo

Um bom documento, na linha do que por cá se faz. Maria Ruiz, quando se refere às oficinas da Lusitania, enumera Monecipio Salamantica, bem: já aqui deixei noutra post (há mais de um ano), este assunto onde se debateu a localização de Monecipio. Uma única certeza, Monecipio fazia parte da diocese da Egitânia; quais os limites geográficos da diocese, não temos certezas. Maria Ruiz, ao acrescentar ao topónimo Monecipio um outro, Salamantica..."puxa a brasa à sua sardinha" ou então mais se sabe em Espanha. Vasco Mantas da Universidade de Coimbra, assim como outros investigadores portugueses aventam como possível localização de Monecipio, Bobadela (a de Coimbra) e claro diocese de Eminio. Os que me antecederam e naturais das Idanhas, sempre afirmaram: Porque não o MONE SCIPPIO, o Mon-Santo, como se escrevia ainda no séc. XVIII, o Monsanto, o Monte ali ao lado, que espreita mais alto, a Civitas Igaeditanorum, a Egitânia"?.

A este propósito, defendo e nós aqui disso somos exemplo, uma maior colaboração entre Portugal e a Espanha, mais debate conjunto nestas matérias, digo eu!

Na mesma linha de pensamento vão dizendo que Elvora é Talavera de la Reina.

Lamego e Sisebutus temos no AG:



passam a faltar 3 reinados.

Então e os homens de PORTOCALÉ (ambas as margens)?

António Carlos Diogo

Aqui fica mais um reinado...e faltam dois.

jpamsantos



*lelo13853* Do reinado de Viterico, no AG não tem nenhuma variante de Lamego.

*jpamsantos* Tem razão amigo Aurelio fui buscar esta à exposição do BP. Posso acrescentar que pesa 1,43gr e diâmetro 19mm, é única e pertence à coleção Gonzalo Cores.

*António Carlos Diogo* Estou à espera do catálogo da Exposição, agradeço a informação... Gonzalo Cores!

José Pedro quanto à moeda supostamente cunhagem de LAURE, constou da Exposição do BP?

Sim a moeda de Laure também faz parte da exposição do BP. E por a citar aqui deixo uma outra da mesma exposição. Esta moeda vem também no AG e só falta 1 reinado para Lamego!



Esta não era fácil, mas cá vai :  
Chindasvinto 642 - 653  
79 anos (bonita idade)

CH:IIDASV:NTS RI\* LAME/C/OPIVS

Para completar a série LAMEGO, fica a faltar ... Sisenando 631 - 636  
Esperemos que o amigo José Pedro nos presenteie umas imagens.

Para completar este triente tem 20mm de diâmetro e pesa 1,17gr.  
Pertence à Fundação Millennium BCP e é o único conhecido.

É com redobrada satisfação que acompanho as intervenções dos Amigos José Pedro e Aurélio Santos. Não imaginava tamanho interesse e dedicação.

“Hoc opus hic labor est”

Diz no Lamego hoje o Dr José Miguel Noras:

“Convém salientar que as emissões monetárias visigóticas, tanto de Lamego, como das restantes localidades, foram exclusivamente produzidas em ouro.

Das moedas visigodas lamecenses só existe um exemplar de cada tipo. O numisma emitido em nome de Sisebuto encontra-se no Gabinete Real de Moedas de Estocolmo, enquanto que o exemplar do rei Chindasvinto integra uma coleção particular. Lamentavelmente, desconhece-se o paradeiro do espécime atribuído a Sisenando.” Diz a C M Lamego:

“A propósito do Movimento para a Criação do Distrito de Lamego e por razões de âmbito geral, nomeadamente a preocupação de transmitir para o grande público factos culturais, a Biblioteca Municipal tem prestado um contributo de divulgação bibliográfica de inegável valor, que, de certo modo, ajuda a sustentar, neste caso, a importância geo-estratégica que Lamego mereceu ao longo de muitos séculos. A colheita histórica que vamos transcrever é mais um bom exemplo do que se acaba de afirmar. ...

*lelo13853*

*jpamsantos*

*António Carlos Diogo*

*jpamsantos*

Perde-se na antiguidade e na Lenda, a Fundação da encantadora Cidade de Lamego, e bem assim a origem do seu nome.

Lamego, situada a Norte de Portugal, esteve durante algum tempo sob o domínio dos Visigodos, quando estes ocuparam o Norte da Península Ibérica entre o Século V e o Século VIII D.C. Este período deixou as suas marcas bem presentes, como ainda hoje podem ser observadas, nos arredores da Cidade, nomeadamente na Capela de Balsemão.

Durante o período visigótico, Lamego possuía um valor histórico idêntico ao das mais importantes cidades que se encontravam debaixo do domínio do mesmo povo (Coimbra, Porto e Braga). A cunhagem da moeda é reveladora da importância comercial, cultural e histórica da nossa cidade.

O primeiro exemplar conhecido, (atribuído ao Rei Sisebuto), das três moedas visigodas cunhadas em Lamego, denominadas Trientes, encontra-se no Gabinete Real das Moedas, em Estocolmo, na Suécia. Do segundo exemplar, (atribuído ao Rei Sisenando), apenas se conhece a descrição, mas não se sabe onde pára, presumindo-se que faça parte de uma colecção particular.

O terceiro e último exemplar, (atribuído ao Rei Chindasvinto), desconhece-se o seu paradeiro, embora se saiba que esteve na posse de um ourives de Lisboa.

Além destes três raríssimos trientes que saíram das oficinas monetárias de Lamego, respeitantes a Sisebuto, Sisenando e Chindasvinto, não consta que mais algum tivesse aparecido, o que comprova a sua raridade.

A Biblioteca/Arquivo Municipal de Lamego orgulha-se de possuir os diapositivos da referida moeda, gentilmente oferecidos pela Embaixada da Suécia, e fotografados por Gabriel Hildbrand.”

Diz o nosso amigo Diogo:

“À espera da próxima. biggrin thumpup”

Disse este vosso amigo:

“Quanto á homenagem a Lamego e colocada a moeda de Suintila ficam a faltar moedas de mais 4 reinados vou tentar,não prometo! “

“Da Egitânia fala o Diogo, de Lamego fala o Amigo José Pedro”; faltam-nos quem fale mais e mais! Todas as intervenções são importantes para o estudo do numerário suevo/visigodo, pena é não chegarem com outra assiduidade. Tenho presente os companheiros que também se interessam por esta temática; aguardemos então por mais participações.

Amigo Diogo abusando do conhecimento pessoal com o Sr Carlos Alberto Marques da Costa seria possível saber se ele conhece algo sobre esta moeda de Sisenando?

Ainda não consegui falar com o Sr. Carlos Costa. Do catálogo do BES, continuamos a aguardar; companheiros não consigo preencher a nota de encomenda, do BP, para compra do Catálogo Marcas de Poder; alguém me pode esclarecer? Onde estará a moeda de Sisenando, oficina de Lamego?

Amigo António Diogo em relação á nota de encomenda não o posso ajudar pois adquirir os livros ao balcão do BP e digo livros pois pela sua qualidade recomendo também

Moedas com História que mostra da colecção BP exemplares desde o mundo grego até finais século XVII neste 1o volume estando em preparação um 2o volume desde o século XVIII até á actualidade.

Em relação á moeda de Sisenando, oficina de Lamego, ela não consta deste catálogo

“Marcas de poder” mas por em Lamego, ser voz corrente, ela estar ou ter estado, na posse de um grande coleccionador; me lembrei de lhe pedir o contacto com o Sr Carlos Costa é que em boa verdade e para termos noção da grandeza da sua colecção as moedas que vêm no “marcas de Poder” são ,mais de 50% da colecção Carlos Costa e não BP.

Se continuar a ter dificuldade com a encomenda ao BP terei todo o gosto em passar por lá e enviar por correio estou á sua disposição!

*António Carlos Diogo*

*jpamsantos*

*António Carlos Diogo*

*jpamsantos*

*jpamsantos*

Do tal livro Moedas com História aqui deixo um triente de Iminio:



Resta acrescentar:  
Diam 19,5mm    Peso 1,55gr

O resto é para v/ descoberta!

Agradeço a sua amabilidade e companheirismo. Tratando-se de moeda única e não tendo estado presente na Exposição, deduzo que não tenha pertencido à colecção Carlos Costa; havemos de descobrir!

*António Carlos Diogo*

Aqui vai a minha opinião  
Sisebuto - 612 a 621  
Triento cunhado em Coimbra

*lelo13853*

Anverso - :SISIBVTVSRE    Reverso - IMINIOPIV.

Quem é o proprietário desta raridade, é da colecção do Banco de Portugal, Ex. Colecção Carlos Costa? Até há dois anos atrás não fazia parte do MNP; também de Sisebuto e da oficina de Aeminio/Eminio/Iminio existem moedas falsas (esta foi certamente peritada).

*António Carlos Diogo*

Amigo Diogo, o triente de Iminio é propriedade do museu do BP e tem a ficha nº9003506800.

*jpamsantos*

Aproveito para aqui deixar o triente de Braccara publicado no livro moedas com história e pertença do museu do BP com a ficha 9003506900. Falta dizer: Diam 19mm Peso 1,5 gr



Muito curiosa a legenda do reverso!

*António Carlos Diogo*

lelo13853

Anverso - +RECCAREDVSREX      Reverso - +INBRACARAPIVS

Com tantas variantes na legenda tanto no anverso como no reverso de Recaredos nao sera possivel que algumas tenham sido mandadas cunhar por Recaredos II filho de Sisebuto?

António Carlos Diogo

Boa e pertinente questão, com mais tempo espero ter uma opinião fundamentada à sua / nossa dúvida, ainda que não me pareça provável esta emissão em nome de Recaredo II ; vamos ver o que nos reservam as Festas.

jpamsantos

Amigo Aurélio, Recaredo II reinou muito pouco tempo, cerca de 2 meses e não se conhecem moedas por si, mandadas cunhar. Contudo Recaredo reinou cerca de 15 anos, um reinado dos mais longos e o facto da sua conversão ao catolicismo também se manifestou nas legendas da moeda, mas esperemos pelas “festas”!

António Carlos Diogo

O amigo José Pedro fez o favor de antecipar as Festas; quero aqui agradecer publicamente o seu companheirismo, obrigado.

Quanto à moeda de Recaredo, e agora já com as meninas da Exposição do BP “em meu poder”, amigo Aurélio é a única conhecida com a legenda de reverso: INBRACARAPIVS, propriedade do BP. A Exposição teve o condão, o mérito, de dar a conhecer ao público em geral, espécimes que só uma pequena elite conhecia, esta de Recaredo I é disso um exemplo.

António Carlos Diogo

Como eu estava desactualizado! Deixo aqui a lista das 32 oficinas de cunhagem de numerário visigodo no que ao actual território nacional diz respeito ( lista elaborada por José António Godinho Miranda e Pedro Gomes Barbosa, constante do catálogo MARCAS DE PODER):

-ADONIS, ALIOBRIO, BRACARA, CALIABRIA, CEPIS, COLEIA, CONTONSA, EGITANIA, ELISAFI, ELVORA, EMINIO, EVVESIS, FLAVAS, LABRENTIO, LAETERA, LAMECO, LAURE, MONECPIO,

NANDOLAS, OLISIPONA, PALENTIACA, PALENTUCIO, PANNONIAS, PORTOCAL, TORIVIANA, TOTELA, TULLUCO, TURICO, VALLEARITIA, VALLEGIA, VALLESALSA, VESEO.

De localização incerta: ADONIS, COLETA, CONTONSA, ELISAFI, LAURE, TORIVIANA, TOTELA, VALLEGIA, VALLESALSA.

O amigo Diogo exagera na retribuição, também publicamente, lhe quero agradecer a amizade que partilha comigo e com todos os Foristas.

Bem haja!

Quanto ao reverso da moeda de Recaredo diz a Dra Cristina Mota Gomes:

*“De salientar dois aspectos interessantes. A legenda do reverso apresenta o nome da cidade de Braccara seguida do título PIVS, quando este seria um qualificativo do monarca. As representações reais mostram-se surpreendentemente estranhas, mas a singularidade das ilustrações e tratamento fá-las atraentes.”*

No citado catálogo/monografia, e por outras palavras já aqui tinham ficado alguns destes dados, ainda que noutros post's, diz Pedro Gomes Barbosa, depois de se ter questionado acerca de um tão elevado número de Casas de Moeda:

“ Que a cunhagem de moeda fosse uma forma de afirmação do PODER não pode oferecer dúvidas. A justificação com o número de oficinas monetárias poderia ser o facto de a moeda em si constituir um meio de informação das populações de quem seria o REI, (A. Elias Garcia em “As Moedas Visigodas de Lamecum” refere a necessidade política de melhor divulgarem a sua soberania na Península...a maior densidade de oficinas fez-se sentir na Galiza, onde a sujeição inspirava mais cuidados e onde também não faltava o precioso metal).

A monarquia visigoda foi sempre electiva, daí a necessidade de encontrarem um meio de veicular a informação às populações do nome do soberano reinante. Por vezes também informação acrescida de quem seria o sucessor proposto, casos de Egica e Vitiza e Chindasvinto e

jpamsantos

António Carlos Diogo

seria o sucessor proposto, casos de Egica e Vitiza e Chindasvinto e Recesvinto.”

Apesar de muito me entristecer a fraca participação e porventura o desinteresse por parte do Fórum, “Cá continuarei cantando até que a voz me doa”.

António Carlos Diogo

E umas palavrinhas de conforto aqui para os bárbaros? Nunca nenhum dos foristas teve ainda a oportunidade de visitar a Egitânia, S. Pedro de Balsemão, S. Frutuoso de Montélios, S. Gião da Nazaré? Tenho a certeza que alguém “estará com as orelhas quentes”!

Ielo 13853

De algumas das de localização desconhecida, mencionadas pelo amigo Antonio Diogo, o mais perto que se consegue chegar são a de, TOTELA=Diocese de Viseu, a de COLEIA=Diocese de Viseu, a de LAURE=Diocese de Braga e a de TORIVIANA=Diocese do Porto A de VALLEGIA vem no mapa do AG, localizada perto de Aveiro

As restantes? Aqui deixo a minha sugestão para: CONTONSA=Condeixa?

António Carlos Diogo

Pois é muito há ainda para desvendar, esperemos que os trabalhos arqueológicos nos possibilitem menos incertezas.

Voltando à moeda de Bracara, reverso INBRACARAPIVS, os monarcas visigodos gravaram nas suas moedas os epítetos: Justus, Pius, Victor e raras vezes, Ínclito; ora nesta moeda está gravado o epíteto Pius, o que significará então IN? Será uma espécie de abreviatura do Ínclito? Não sei... qual a intenção do gravador?

Quanto às oficinas de localização incerta temos que ADONIS(GALLAECIA), VALLESALSA(GALLAECIA), LAURE(GALLAECIA), TOTELA(LUSITANIA), COLEIA(LUSITANIA), TORIVIANA(GALLAECIA)...

Este reverso, segundo o autor, é o único conhecido!

Não me parece que o gravador atribuisse dois qualificativos ao monarca, será que quiz acentuar, simplesmente, o lugar de cunhagem “em”?

Exemplos de associação entre oficina e Pius temos muitos: Palentio Pius, Laetera Pius, Eminio Pius, Egitania Pius etc.

jpamsantos

Os títulos/epítetos dos monarcas visigodos estão sempre gravados no reverso, penso que as únicas exceções são moedas muito raras de Recaredo, emissões de MONECIPPIO, anverso ^PIVS REX RECC ou RECC+ ^PIVS PEX (esta leitura foi proposta por Heiss). Quanto ao IN de INBRACARAPIVS, é provável que o gravador não tenha pensado em mais um epíteto (não nos podemos esquecer que o latim falado e escrito pelos bárbaros e pelas populações locais era o que designamos de “latim corrompido”).

A única moeda que conheço, não sei se o José Pedro conhece outras emissões, onde aparece gravado o Ínclito é precisamente a moeda de Gundemaro, pág.(s) 126 e 127 do catálogo, emissão de EMINIO, reverso IMINIOENCLITV. Quanto às emissões de Recaredo tenho igualmente presente emissões de EMERITA, reverso EMERITAVICTOR (exemplares n.os 3828 e 3829 do MNP), um espécime único de TOTELA, reverso TOTELAVECTOR, emissões em nome de Suíntila ELBORAVICTOR...

António Carlos Diogo

Só para testemunhar a variedade de legendas e tomando moedas cunhadas fora do território que é hoje Portugal: [http://www.coinarchives.com/a/results.p ... earch=Cato](http://www.coinarchives.com/a/results.p...earch=Cato)

jpamsantos

ver moedas 63 a 71, epítetos e outras inscrições, comparando reinos, com o que se cunhou por cá!

Infelizmente com demasiadas incorrecções na transcrição das legendas. A interpretação/leitura das legendas não é para quem quer... é para quem sabe (o mínimo exigível)!

António Carlos Diogo

jpamsantos

A moeda de Gundemaro com o reverso IMINIOENCLITV é de facto a única que conheço com este título, contudo em relação a dúvidas nas legendas será que o amigo me pode ajudar:

1ª

SISENANDO anverso +S.S.NA.AV.RE e o curioso reverso +PI. SB.I.R.C.R.

publicada no livro Moedas de Ouro de Portugal de Javier Saez Salgado.

2ª

Do mesmo livro deixo as legendas da moeda de Sisenando cunhada em Lamego, e da qual não há imagem: +SISENA:DVSRE e reverso +PIVSLAIIECO:

António Carlos Diogo

José Pedro do Javier Sáez Salgado só tenho o Moedas de Ouro de Portugal 1185-1889, Lisboa 2001, logo não conheço imagens da moeda de Sisenando. Alberto Gomes dizia a propósito: "A interpretação do nome do local de cunhagem deste exemplar único não tem a unanimidade dos especialistas, pelo que se deve ter sobre reserva a cunhagem de moeda em Bracara de Sisenando". A transcrição das legendas no A.G. difere ligeiramente da apresentada por J.S.S.:

S. S. NA. DV. RE

PI. S B. T. R. C. R

Penso tratar-se de moeda batida em Bracara (mas é só a minha opinião). Quanto à moeda de Sisenando cunhagem de Lamego, continuamos sem imagens.

jpamsantos

Este livro é edição de 2006 da Numisma e abrange os séculos V - XX por isso contém o ouro Suevo, Visigótico, Árabe, Monarquia e República. Pode ser adquirido na INCM ou penso eu directamente à Numisma o seu título é:

"Moedas de Ouro de Portugal Séculos V - XX"

Em relação à moeda de Sisenando refere ser "incerta" a de Bracara e a de Lamego admite a existência de até 3 exemplares, no sector privado. As legendas têm ligeiras divergências do AG em ambas.

José Pedro a edição que refere é composta por um só volume?

António Carlos Diogo

Considero estranho não termos notícias de alienações de prata nestas moedas (a "mistura chegou a ser de 50% ouro-50% prata, com Egica/Witiza e Witiza), nas colecções ibéricas que conhecemos. Felipe Mateu y Llopis diz-nos o seguinte em "Colecciones de Numismática y de Glíptica, Museo Arqueológico Nacional, Madrid 1933": "A grande reforma que se opera na moeda visigoda dá-se na lei e no tempo de Egica. Até Egica os trientes visigodos são de ouro; a partir desde monarca, o metal empregue já não é só aquele, mas com grande alienação de prata, ao ponto de que muitas moedas de Egica-Witiza só contêm exclusivamente prata. Algumas destas moedas, tidas indevidamente como falsas, encontram-se com frequência nas colecções; no lote que ingressou neste Gabinete (refere a ao lote que deu entrada no Museu em 1932) não as há brancas, mas sim douradas muito pálidas..."

Só acrescentar que o lote que deu entrada em 1932 no Museu fazia parte de um achado ocorrido na província de Salamanca no mesmo ano, o tesouro era composto por 110 exemplares, no entanto só entrou no Museu uma terça parte; com estes dados tenho quase a certeza que Llopis se referia ao achado de Abusejo, do qual já aqui falámos e do qual publiquei artigo. Dizer ainda que do lote que deu entrada no Gabinete do Museu, as emissões mais pesadas variam entre os 1,45 g e os 1,6 g, emissões em nome de Recaredo, Recesvinto, Wamba e Ervígio, e as emissões menos pesadas entre os 1,45 g e 1,1 g, emissões precisamente de Egica, Egica/Witiza e Witiza, excepção feita, um espécime em nome de Witiza, emissão de Emérita, com 1,55 g.

Vamos lá ver quando conseguimos registar aqui uma "branca ou quase" visigoda. Acabei de confirmar que o tesouro era de facto o de Abusejo, através de outra publicação de Mateu y Llopis, Miscelánea Arqueológica, Barcelona 1974.



António Carlos Diogo

Aos companheiros a quem possa interessar aqui deixo o percurso de vida desta Moedinha:

- Mandada cunhar em nome de um monarca visigodo entre 642-653;

- “Apesar de cerceado e mutilado é de uma importância capital, o exemplar que agora se descreve, por se tratar de um triente de ..., batido na ... Tem apenas o peso de um grama. Êste triente adquirido no distrito de Castelo Branco, é considerado inédito, pois não conhecemos a existência de qualquer outro, em Museus ou quaisquer outras colecções.

O tipo provincial da Lusitânia que parece representar dum lado a figura do rei, em pé, e do outro o busto da rainha, observa-se neste triente de ... de uma forma mais acentuada que nos precedentes. Não é fácil defender este

ponto de vista, e por isso em nós é ainda uma persuasão.”

(A. Elias Garcia, As Moedas Visigodas da Egitânia, 1938, Castelo Branco).;

- Fez parte da Colecção Elias Garcia (provavelmente adquirido pelo próprio nesse mesmo ano);

- No Catálogo I Vol., da Colecção Numismática Pinto de Magalhães, Porto, 1963, já fazia parte da mesma com a indicação Ex. Col. Elias Garcia;

- Na Exposição do Banco de Portugal pertencia ao Senhor Carlos Costa;

- Fiquei a saber pelo Senhor Carlos Costa que toda a sua colecção foi vendida há uns meses ao BES.

Terá tido outro(s) dono(s)? Apraz-me saber que continua em Portugal.

*jpamsantos*

Amigo Diogo o livro referenciado é de facto um único volume com cerca de 150 páginas. No que respeita à cunhagem dos visigodos tem referência a cerca de 100 numismas.

Belo triente, revelador da sua paixão, como sempre a Egitânea!  
É único!

*Ielo 13853*

Da Egitania (Idanha-a-Velha) tinha que ser, amigo Antonio Diogo, vindo de si !!!

O rei é fácil depois de se saber a data de governação, que o amigo teve a amabilidade de divulgar Chindasvinto, que já se tinha aqui comentado, que foi eleito rei com 79 anos.

Antecipou-se amigo Jose Pedro, por 3 minutos tinha sido eu a fazer a revelação

Agora a legenda:

Anverso: CI.DA...VS R.X    Reverso: EGITANIA PIXV

*António Carlos Diogo*

Amigo Aurélio a leitura está feita, ainda que alguns autores transcrevam ECITANIA e PIAS. O importante é o documento e para nós, o facto de o sabermos ler.

*António Carlos Diogo*

Caros companheiros escrevia A. Elias Garcia em “As Moedas Visigodas de ..., Castelo Branco, 1940”: “Este triente foi achado há pouco tempo nos arredores da Lousa, povoação a 16 Km. de Castelo Branco, e actualmente faz parte da colecção do ilustre arqueólogo Dr. Manuel de Paiva Pessoa, que amavelmente no-lo cedeu para o estudo que estamos apresentando.”

O local do achado dista poucos quilómetros da oficina onde presumivelmente foi cunhada (até prova do contrário é exactamente esse hoje o local de cunhagem ainda que alguns estudiosos e com o maior respeito se tenham lembrado de Bobadela, enfim!).

A partir de Sisebuto não conhecemos numerário com origem nesta oficina. Sabemos hoje que a mesma pertenceu ao coleccionador Carlos Costa, sendo actualmente propriedade do BES.

A leitura neste espécime obriga inicialmente a algum exercício que logo se compreende... os companheiros irão certamente apreciar este pedaço de documento! Quanto ao topónimo em questão já conhecem certamente a minha opinião.



*jpamsantos*

Este reverso tem características complexas o “C” sobre “I”, e o “S” de fim de legenda cuja espessura é mínima. Monsanto merece esta referência fica a faltar a de Siebuto!

*Ielo 13853*

Recaredo- 586 - 601  
Cunhada em Monsanto  
A legenda do anverso e do reverso seguem dentro de momentos.

Ca vai a legenda:

Anverso- + RIDVS REX RECCA

Reverso- + OIVSTV MONECIPI

*Antônio Carlos Diogo*

Exactamente, ou então:  
RECCA+RIDVS RE+ / MONEÇPI+OIVSTVs ou  
RECCA+RIDVSREX / MONEÇPI+OIVSTVs  
(vai tudo dar ao mesmo, há alguma liberdade na transcrição das mesmas).  
Claro que o topónimo é MONECPIO.

Aqui deixo o que estava em falta! (À direita).

*Ielo 13853*

Anverso- SISEBTVS RE - o I o S aparece deitado

Reverso- MONIC^PI^ PIV

Na legenda usei o caractere “^” para imitar os triangulos que aparecem, o que nao se entende muito bem o porque, entre o C e o P, de MONIC?P

Ja agora um comentario em tom de pergunta:

Teria sido de este rei Sisebuto, que o Hitler teria ido buscar a ideia, de acabar com os Judeus ?



*jpamsantos*

Após merecido descanso regresso ao convívio com um exemplar, que não sei se repetido, especialmente dedicado ao amigo Diogo. Aceitam-se leituras de legendas e identificação.



*Avelino Nascimento*

Cá vai as minhas legendas:

Triente de ouro (1,47g/18mm) de Gundemaro (610-612)

Anverso: +GUNDEMARV(S invertido)REX

Reverso: +EGITANIAPIV(S invertido)

*jpamsantos*

Amigo Avelino em primeiro bem haja pois foi pelos tópicos de “parece-me um maluco qualquer das moedas” que este vício se entranhou e deu no que deu!

Segundo estes SS invertidos têm alguma explicação ou são simplesmente erro!

Em primeiro, de nada caro companheiro e que nunca encontre a vacina para esse vício!

*Avelino Nascimento*

Segundo, seria fácil demais dizer que se trata de um erro mas também poderá ser algo gramatical, como maneira de separar a legenda, deste “REX” tenho aqui 5 exemplares (no Marcas de Poder - Moedas Visigodas em Território Português - Pedro G. Barbosa e José A. G. Miranda) e três delas, que foram cunhadas em territórios diferentes, têm o S invertido, o que, para mim, terá algum significado mas isso digo eu.

Quanto aos SS invertidos nada de “transcendente”, ou seja uma forma de escrita do abridor, lembro que o latim falado e escrito na Hispânia é “latim corrompido”, diferente e com tantas variantes quantos os dialectos já existentes no espaço geográfico a que nos referimos, não se escreve e fala como em Roma.

José Pedro adivinhou o meu propósito em deixar aqui mais esta da minha Egitania; aproveito, era essa a minha intenção, para perguntar aos companheiros como interpretam os bustos (o busto do anverso é o mesmo do reverso, ainda que estilizado de forma diferente?).

*António Carlos Diogo*

Em referência ao “latim corrompido” acho que o amigo Antonio Diogo esta carregado de razão, de notar que no anverso Gundemarus esta escrito Gundenarus com N.

Quanto aos bustos no anverso e no reverso, são uma constante na numaria Visigoda, a sua estilização

*lelo13853*

Pois ...

e os SSS deitados, era quando o gravador estava cuscos ou cheio de sono ou então seria fanhoso, sei lá, digo eu!!!

Sim, pelo que li e, nas moedas que aqui vi, os bustos são do mesmo rei visigodo, embora estilizados de forma diferente mas não são uma constante, diria antes, quase uma constante.

*Avelino Nascimento*

A minha opinião sobre os erros, que encontramos nas moedas: (sejam SS deitados, NN em vez de MM, VV em vez de AA, pontos no meio de palavras, legendas ao contrário e muitas mais)

Os gravadores, como “fizeram” estas moedas que nos regalamos a vista, inconscientemente vemos-os, como artistas, mas na realidade eram trabalhadores sem cultura nenhuma, analfabetos e muitas das vezes estrangeiros, davam-lhes uns caracteres, para gravar nas moedas, caracteres esses, que eles desconheciam o significado e lá calhavam os erros. Seria o mesmo que me darem a mim, e não sou analfabeto, umas daquelas letras chinesas carregadas de pausinhos para copiar, havia de ficar bonito havia.

*lelo13853*

António Carlos Diogo

Amigos há quem interprete o busto de reverso desta moeda de Gundemaro e outros similares, como sendo a estilização não do busto do monarca, mas sim o da rainha. Como sabem esta moeda é actualmente propriedade do BES.

Avelino Nascimento

Ilelo 13853 Escreveu:

A minha opinião sobre os erros, que encontramos nas moedas: (sejam SS deitados, NN em vez de MM, VV em vez de AA, pontos no meio de palavras, legendas ao contrario e muitas mais)

Caro companheiro Aurélio, respeito a sua opinião mas não estou a ver uma moeda com fins propagandísticos, somente utilizada para grandes transacções ou comércio externo, terem esses erros assim tão aceitáveis por quem lhes davam esses “caracteres” Repare no que escrevi:

Paraq Escreveu:

...seria fácil demais dizer que se trata de um erro mas também poderá ser algo gramatical, como maneira de separar a legenda, deste “REX” tenho aqui 5 exemplares (no Marcas de Poder - Moedas Visigodas em Território Português - Pedro G. Barbosa e José A. G. Miranda) e três delas, que foram cunhadas em territórios diferentes, têm o S invertido, o que, para mim, terá algum significado mas isso digo eu.

Digo eu, porque gosto de dar ideias, suposições e lançar debates dessas mesmas ideias, até porque, quem tem formação específica neste tema, ainda debatem esses porquês.

Voltando as legendas, repare bem no tal “M” é bem diferente do “N” que lá está.

Avelino Nascimento

António Carlos Diogo Escreveu:

Amigos há quem interprete o busto de reverso desta moeda de Gundemaro e outros similares, como sendo a estilização não do busto do monarca, mas sim o da rainha.

Então também será digno dizer que poderá ser o busto alegórico da cidade, em imitação romana?

Mas tb tem lógica, assim como os imperadores bizantinos, que cunhavam a imperatriz nas moedas ao lado do imperador..

Pois é Avelino, sabia que o numerário visigodo é de influência bizantina?

António Carlos Diogo

Por acaso sabia, relembro-lhe aquelas imitações visigodas das fracções dos solidos romanos/bizantinos, que foi aqui mostrado pelo Diogo.

Avelino Nascimento

Citar:

os imperadores bizantinos, que cunhavam a imperatriz

Pizarro Bravo

Marotos que eles eram a “cunhar” as imperatrizes!!!!!! Malandrice!!!

Outra moeda da Egitânea mas nesta não é visível o casal! Espero que gostem! Aceitamos comentários.

jpamsantos



Parece-me ver em cima: +AntonioCarlosDiogo+ReinadoD.AfonsoIV+ Espero que esteja correto.

Ilelo 13853

António Carlos Diogo

E viu bem! De Rodrigo conhecemos meia dúzia de espécimes batidos na Egitânia. Em Portugal conheço o no. 3871 do MNP-INCM, proveniente da colecção de D. Luís I e o achado em Conímbriga que penso esteve no Museu Machado de Castro (ou está no Monográfico de Conímbriga ou no Machado de Castro), os restantes andam por aí em colecções importantes...

Alerto os companheiros e amigos para as falsificações de Rodrigo... que o diga Jesús Vico Monteoliva. Do território hoje Portugal só conhecemos moeda em nome de Rodrigo cunhada na Egitânia, para os que vão chegando, hoje Idanha-a-Velha, concelho de Idanha-a-Nova, distrito de Castelo Branco (com vias rápidas é “mesmo ali ao lado”).

Avelino Nascimento

António Carlos Diogo Escreveu:  
Pois é Avelino, sabia que o numerário visigodo é de influência bizantina?

António Diogo

Não sei se alguma vez publiquei aqui esta imagem, um miliarense bizantino da minha colecção, em todo caso fica como complemento à minha outra resposta.



Bom contributo e boa moeda, Avelino! Vejam-se os dois bustos de frente com cruz ornamental assente em três degraus (crucífero bizantino). Este exemplo espero ser uma outra forma de abordagem ao numerário bizantino e ao visigodo que sempre conviveram. É notória a influência bizantina na moeda visigoda, das siliquas, aos miliarense; do sólido ao hiperpero. Lembrem-se das “côncavas” que eu o Avelino e outros companheiros já aqui deixámos? Peço desculpa não me lembro de todos os nomes, também essas nos dão testemunho dessa influência (evidências que nem sempre são à primeira vista notórias, mas estão lá).

Reparem nas emissões em nome de Egica e Witiza com cruz alta entre os bustos de ambos e de frente.

Se bem que esta moeda já terá sido cunhada bem depois do último rei visigodo!

Último rei visigodo, Rodrigo - 710 / 711 d.C.  
Imperador bizantino Michael VII - 1071 / 1078 d.C.

Situamos o império romano do oriente (bizantino) a partir de Zeno que após a extinção do império romano do ocidente (476), ficou como único imperador. Leovigildo unifica a Hispânia até à Septimânia por volta de 568; os bizantinos continuam a ocupar zonas do Mediterrâneo “hispânico”, daí a alusão que fiz anteriormente, à convivência de ambos.

### Monedas Previsigodas

Catálogo redactado por Xavier Calicó  
A nombre de Justiniano I  
Narbona

No.: 649  
Trient - d=15 mm/1,340 grs.

Anv.: C[... ] NVSTINIVII SPIN[... ] C, busto diademado drapejado à direita.  
Rev.: VI[... ] OIVNIOTLV, Vitória caminhando à direita com coroa de louros e palma.

António Carlos Diogo

Avelino Nascimento

António Carlos Diogo

Avelino Nascimento

Exergo: CONOB

*“A peça presente é o expoente clássico, sobre tudo na caligrafia das legendas, da arte bárbara como o que se cunhava nesta época.*

*Em nome de Justiniano I amoedaram, segundo Felipe Mateu e Llopis, os reis Amalarico, Têudis, Teudiselo, Ágila e Atanagildo.*

*Conhecem-se trientes em nome de Justiniano I com o monograma de Amalarico no campo do reverso. No entanto nos quatro reis restantes, que cobriram um período de quarenta anos, sucedem-se-lhe sem aparecer ainda propriamente a moeda visigoda e, se durante os monarcas anteriores se realizaram imitações, com ou sem monograma, da moeda bizantina, é se supor que efectuaram assim mesmo estes quatro reis depois de Amalarico, porque se desconhecem moedas dos próprios. O número de imitações em nome de Justino I é inferior a das de Justiniano I.*

*O modelo criado pelo primeiro continuará com similar pauta no do segundo, pois, se bem se escreve nas moedas o nome do novo imperador do Oriente, os tipos permanecem idênticos aos desenhados em nome de Justino I para as imitações nacionais. Assim, por exemplo, no anverso persiste a cruz sobre o drapejado do rei, como no reverso mantém-se a Vitória com a coroa de louros na sua mão direita e a palma sobre o ombro sustida pela sua mão esquerda. Outro caso bem distinto é o das legendas, pois, se num princípio se tenta copiar as originais, acaba-se, por rotina dos gravadores, por colocar só algumas das letras mais características, sendo as outras pouco menos que ilegíveis.”*



Penso que é neste período, até Leovigildo e Liúva I (568), que a moedação visigoda imita a bizantina. Depois, com esses reis, a moeda visigoda surge como original visigoda. Podendo ter havido, talvez, umas trocas de ideias nas cunhagens. Mas isso sou eu a pensar:

Só consideramos moeda nacional visigoda a partir do momento em que desaparecem as referências aos imperadores de Bizâncio (tremisses em que os governantes visigodos aparecem como única autoridade emissora), antes temos a moeda de transição em que é mencionado o imperador no anverso e o do monarca visigodo no reverso (estas exibem o nome de Leovigildo). Este tremisis que apresenta é uma moeda em nome de Justiniano I, como poderia ser em nome de Anastácio I, Justino I e Justino II... são presumivelmente emissões produzidas pelos visigodos; curiosamente este tipo também foi usado embora raramente e por períodos curtos, pelos ostrogodos, francos e burginhões. A

As legendas são muitas vezes ininteligíveis; nas produções de transição há uma evolução que tem início no reverso tipo VPW (Vitória/Palm / Wreath-crown) a vitória tem a aquela forma insectívora, numa segunda fase de cunhagens já nacionais de Leovigildo o reverso é caracterizado pelo tipo da cruz assente em degraus e por fim os tremisses da terceira fase de cunhagens caracterizadas pela existência de bustos com o tórax não trapezoidal e cabeça de frente em ambas as faces; há portanto aqui toda uma evolução no numerário visigodo.

Curiosamente o reverso tipo com cruz assente em degraus (tipo Leovigildiano) e anverso com busto de frente é retomado com Recesvinto. Todos estes dados que aqui deixamos penso que ajudarão os companheiros a melhor entender a afirmação: “O numerário visigodo é de influência bizantina.”

António Carlos Diogo



Caros companheiros alertei há dias para as falsificações de Rodrigo, aqui deixo esta doada em 2001 por Jesús Vico Monteoliva à Real Academia de la Historia de Madrid. Depois de peritada, eis a composição da mesma: Au 69,87; Ag 29,14; Fe 0,29; Cu 0,70.

Por este genuíno, propriedade do Museu Numismático Português - INCM, podemos reparar nas diferenças:



Anverso: + INDNERVDERICVSREx - + IN D(EI) N(OMIN)E RVD-ERICVS R(E)X, busto de frente.  
Reverso: + EGITANIPIVS - + EGITANIA PIVS, Cruz sobre três degraus.

António Carlos Diogo

Exactamente Avelino, este entretenimento ainda que pouco participado(poucos companheiros participam) remonta a 13Set07, o amigo José Pedro já havia deixado imagem do mesmo e o amigo Aurélio Santos (companheiros aos quais devo, entre outros, a continuação desta minha teimosia... é que estas moedas e para alguns companheiros só mereceriam ser estudadas se das respectivas colecções fizessem parte! Pura ilusão ainda que antagónica, ao nível da nossa que nos contentamos com as fotografias!) já havia desvendado o meu avatar!

Que ninguém se iniba de comentar e participar nestes séculos de história monetária aqui e para muitos pela primeira vez abordados.

jpamsantos

Para complementar as intervenções anteriores aqui deixo uma imagem para estudo.  
Como sempre estas são a especialidade do Diogo!



Aceitamos leituras!

Avelino Nascimento

Também contente-me só com as fotografias e graças a elas, tenho uma colecção fantástica e maior que a do Museu Numismático Português - INCM, que é de donde provem essa que o companheiro José Pedro nos mostra aqui que, de outro modo, muito dificilmente teríamos outra hipótese de contactar com estes fabulosos numismas da nossa história no dia a dia.

Vou só dizer que rei se trata: Triente de Recesvinto

A título de exemplo, entre tantos outros numismatas portugueses de referência, em conversa telefónica há três/quatro anos atrás, dizia-me o Dr. Mário Gomes Marques: Eu não sou coleccionador! Na altura confesso, tive alguma dificuldade em entender de imediato tal afirmação vinda de um mestre; passado pouco tempo entendi perfeitamente a sua afirmação. Para se estudar moeda, só necessitamos termos acesso às mesmas, não é necessário sermos proprietários das mesmas! Para termos acesso a determinada moeda, diria que teremos que provar tal merecimento e privilégio...penso que me fiz entender.  
Como dizíamos ontem, Recesvinto, retoma o reverso e após tantos anos, tipo leovigildiano, cruz assente em três degraus.

António Carlos Diogo

*“... Para termos acesso a determinada moeda, diria que teremos que provar tal merecimento e privilégio...penso que me fiz entender.”*

Avelino Nascimento

Sinceramente não entendi bem esta parte e, até nova explicação, vou pensar que o Diogo não era isto que queria dizer.  
Não se precisa de provar nada, meu caro, para se ter acesso a determinada moeda e o único privilégio necessário é o da vontade de querer ter acesso a determinada moeda. O que, tal coisa, com todos os meios hoje em dia ao nosso alcance, nem é preciso sair de casa.  
Em relação a estas moedas visigodas, toda a gente teve acesso a elas no início do ano 2007, como o meu caro companheiro bem sabe.

O que teremos que provar para um dia podermos ser convidados a estudar/classificar colecções particulares ou de instituições? Sinceramente faço a pergunta porque não conheço a resposta!  
Aloiss Heiss foi o primeiro a dar notícia desta moeda da Egitânia.

António Carlos Diogo

Não sei se essa questão é uma maneira de fugir à outra de não se estudar moedas que não fazem parte das nossas colecções!  
Falo por mim, não terei que provar nada ou melhor, nunca me darei a esse trabalho, porque nunca terei bases para tal.  
Mas o caro companheiro Diogo escreve como se já tivesse sido convidado por alguma das situações descritas, conte-nos lá como foi essa experiência!???

Avelino Nascimento

Antônio Carlos Diogo

Avelino, a ambição a cada um pertence , ou não! Desde há alguns anos tento saber mais e mais acerca das emissões em nome das autoridades provinciais dos Séc.(s) V e VI, investidas ou não do jus monetae, logo emissões imperiais ou à “margem” de Roma, e das emissões presumivelmente cunhadas pelas autoridades suevas e visigodas, investidas ou não desse, digamos que acordo, entre o império e os povos que se iam estabelecendo e criando raízes no espaço ibérico e simultaneamente ainda espaço do império romano.

A partir da moeda visigoda e já com estatuto de moeda nacional... é aquilo que aqui mais estudamos, correndo o risco de um dia destes se esgotar!

Ielo 13853

Estou de acordo com o amigo forista Avelino Nascimento, que, como ele, contento-me com as fotografias destas maravilhosas moedas, as Visigodas.  
Como principiante nestas andanças, tenho que agradecer ao amigo Antonio Diogo, o esforço que tem feito para manter acesa esta “discução” sobre esta Numária.  
Aproveito para dar o meu pobre contributo, deixando a tentativa de leitura, da moeda postada pelo amigo Jose Pedro

Anverso - /RECCESV INQTS R-X      Reverso - +EGITANIA PIVS

Avelino Nascimento

Sempre teremos as fotos que provêm das várias coleções privadas ou de instituições, que servirão de estudo ao Diogo e outros.  
Se me permitir, darei sempre a minha opinião como leigo da matéria mas com interesse na participação e debate.

Antônio Carlos Diogo

Ora essa Avelino...todas as contribuições são do maior interesse para a compreensão destes séculos de história monetária; sem contribuições acaba-se o estudo! Aurélio só um pequeno ajuste:  
ANV:+ RECCESV/INOVSRX      REV:+ EGITANIPIVS

Um agradecimento a todos os que têm tornado possível este debate.

Nesta moeda penso que a figura do rei se encontra entronada, que, pelos outros exemplares que observei, deve ser único!! Ou Estou a ver mal?

Anverso:+ RECCESV/INOVSRX      Reverso:+ EGITANIPIVS

Caro Avelino depois de um início de manhã sempre “numa corrida”, Bom Dia!

A exigência que faz a si próprio aliada à capacidade que tem “de querer e ver mais além”, são contagiantes.

Como falávamos há dias, Recesvinto retoma nas emissões em seu nome o tipo leovigildiano, o busto de perfil e cruz assente em três degraus, porquê e porquê o busto de perfil? Recesvinto foi um reformador, na moeda, na justiça, logo na política. O facto mais importante da sua governação foi sem dúvida a abolição do código de Alarico substituído pelo Liber Iudiciorum (toda a legislação visigoda e romana aí concentrada).

Do que tenho lido e em minha opinião, há como que uma nova “romanização” na jurisdição...transversal aos modos e costumes; à sociedade goda. Terá então fundamento afirmarmos que o busto de perfil por si escolhido nas suas moedas é uma estilização mais à romana, ou pura arte estilizada do escultor? Porque não algum devaneio e mais que tudo a nossa interpretação...penso que se trata do monarca “courageado” e na cabeça ou a coroa cerimonial dos monarcas, ou “espécie de elmo”; algo Imperator com a sua imagem mais militar; também ele teve que dominar revoltas, sobretudo dos Vascos.

São moedas de um fino estilo e recortes que nos permitem estas e outras interpretações, leituras e um agradável passeio pela monarquia visigoda, monarquia onde todas as monarquias medievais europeias em grande parte, nela se basearam.

OK! Já vi que vi mal!

Avelino Nascimento

Antônio Carlos Diogo

Avelino Nascimento

Antônio Carlos Diogo

O meu filho mais novo quase que me proibia de ir à sua turma do 4.o ano, após o convite do Professor; falar de história e muito menos de moedas. Estão neste momento com as invasões bárbaras como eles dizem; sugeri ao Professor só fazer a tal aulinha após a chegada dos muçulmanos, como eles dizem. Para públicos com estas idades, 9/10 anos, é um desafio. Qual seria a estratégia dos companheiros?

jpamsantos

Amigo Diogo grande responsabilidade! Tendo o seu filho por perto maior ainda!  
Não me atrevo a dar conselhos mas basta que faça como neste Fórum tem feito!

Antônio Carlos Diogo

A pensar nos companheiros que não têm o Marcas de Poder; aqui deixo (página ao lado) este pergaminho procedente de San Isidoro de León. Biblioteca Nacional, Madrid; o Liber Iudiciorum de que há dias falávamos a propósito de uma moeda de Recesvinto.

As primeiras aulas de história monetária “correram muito bem, com muita receptividade por parte de professores e alunos”.  
Claro que falámos de suevos, alanos, visigodos, vândalos silingos, vândalos asdingos...ostrogodos, entre outros.

jpamsantos

Associando o pergaminho á moeda,aqui fica Recesvinto



Antônio Carlos Diogo

O renascimento do reverso/tipo leovigildiano (cruz assente em três degraus)!



António Carlos Diogo

A todos os companheiros... há alguma novidade acerca da ex. colecção Carlos Costa, que o BES está para editar? Senhores administradores (do BES), digam-nos, s.f.f., para quando.

jpamsantos

Já aqui foi referenciado o saber Visigodo na arte de ourivesaria com peças magníficas, destaque dado á coroa votiva de Recesvinto, em ouro, prata, pedras e esmaltes.

Ora se dessa actividade chegaram até nós tantos exemplos significa que o nível de conhecimento sobre extracção, fundição etc eram elevados. Acredito pois que, embora desconheça a localização, deverá ter existido uma próspera actividade neste domínio.

António Carlos Diogo

A urbanização que deu lugar à Civitas Igaeditanorum deve ter começado por volta do ano 25 a.C.; pouco depois da primeira divisão administrativa da Península, ordenada por Augusto. Em 105 os IGAEDIT, os IGITANI contribuíram para a construção da ponte de Alcântara, por sinal em primeiro lugar, como consta em inscrição lapidar existente no referido monumento.

A Egitânia foi Diocese Sueva, criada no reinado de Teodomiro (561-570), a partir daqui e já com os visigodos foi sempre em crescendo até Rodrigo; até à “praga de formigas gigantes”, como diz a lenda. Por volta de 713 foi arrasada pela tal praga (tribos berberes)....nunca mais se levantou.

No Arco Triunfal, situado a meio da ponte, do qual já temos as imagens, consta a seguinte inscrição, onde são referidos os Povos, que contribuíram para a sua edificação:

MVNICIIA PROVINCIAE  
LVSITANAE  
STIPE CONCLATA  
QVAE OPVS PONTIS  
PERFECERVNT  
IGIDITANI  
LANCIENSES OPPIDANI  
TALORI

INTRAMENSES  
COLARNI  
LANCIENSES TRANSCVDANI  
MEIDV BRIGENSES  
ARABRIGENSES  
BANIENSES  
PESVRES...

Aproveito para deixar igualmente, os Povos designados nas inscrições lapidares da Egitânia: Aquitanus, Cluniense, Conimbricense, Emeritense, Interamniense, Lanciense Oppidanus, Libiense, Paesurus, Salmanticense, Igaeditanus.

Aqui deixo a lista dos Bispos que houve em Idanha-a-Velha no tempo dos Suevos e Visigodos, elaborada por um investigador de nome Vítor M. L. Pereira Neves:

- D. PAMÉRIO em 534 esteve no I.º Concílio de Braga.
- D. GAUDÊNCIO
- D. ADORICO
- D. LICÉRIO
- D. MONTÉSIO
- D. ARMÉNIO
- D. SELVA
- D. MONEFONSO
- D. AGECINDO, esteve à frente da Diocese Egitanense até ao dia 14 de Março de 715, em que os Árabes (povos berberes) tomaram a Egitânia.

Reparem nos antropónimos referidos.

Curiosa e interessante esta leitura de Vítor Pereira Neves, acerca dos usos e costumes visigodos, que eu próprio já aqui “bitaitei”:

*“Quanto ao corte do cabelo, os populares usavam-no à semelhança do povo dominado, isto é, à romana. A nobreza e o clero usavam-no como os lusitanos, caído sobre os ombros.*

*Reis mais sofisticados como Recáredo, introduziram no seu trajar algumas alterações. Efectivamente, nas cerimónias oficiais, Recáredo, (é assim que Pereira Neves escreve o antropónimo) foi o primeiro a usar vestes semelhantes às dos Imperadores Romanos do Oriente. A coroa foi distintivo real do tempo de Leovegildo (grafia de Pereira Neves)”.*

*“ Um ponto importante é o facto que tanto os suevos como os visigodos tenham trazido para a Península regimes monárquicos. Não é a primeira que isto ocorre, mas os antecedentes são longínquos e correspondem a uma etapa prerromana e não generalizada entre todos os povos. Tratava-se de uma monarquia electiva, não hereditária, ainda que a tendência tenha sido a associação dos filhos ao trono, tendo em vista a sucessão. O reino hispânico-visigodo constitui-se de forma clara em 531 com capital em Barcelona , e a partir de 561, em tempos de Atanagildo, e já definitivamente em Toledo, que será também a capital eclesiástica... o último rei ariano e o mais glorioso de toda a hispânia goda, foi sem dúvida Leovigildo...de carácter enérgico, expulsou os bizantinos, anexou o reino suevo e parte do território vascão, onde funda a cidade de Victoriacum(Vitoria).*

*Leovigildo foi o primeiro monarca visigodo que cunhou moeda de ouro em seu nome, seguiu a tradição dos imperadores romanos, quem, por sua vez, a haviam tomado dos monarcas helénicos.*

*A moeda fraccionária, de outros metais menos nobres, continuava sendo romana, o que mostra alguma abundância(?) numa época já tardia”.*

-Tradução e adaptação de: Hispania, Romanos y Visigodos, Arturo Pérez Almoguera, Anaya, 1991.

O desaparecimento do reino visigodo aparece ligado a uma série de lendas em torno dos sucessores de Witiza, morto em 710. Não temos certezas, no entanto poderemos aceitar que se desenrolaram encontros entre todos os partidos da nobreza, um dos quais optou pelos descendentes de Witiza, o dirigido por Oppa, bispo de Sevilha, enquanto outro apostava em Rodrigo, dux da Bética. Sabemos que um dos filhos de Witiza, Áchila/Áquila/Akila II, reinou até 715 na margem de Toledo no vale médio do Ebro, Catalunha e Septimânia, como atestam as moedas mandadas por este cunhar em Zaragoza, Tarragona, Gerona e Narbona...

(deixo aqui o repto aos amigos e companheiros destas “lides góticas”, ainda irão pensar que em mim prevalece o sangue gótico; não se esqueçam que o mesmo corre nas nossas veias, nesta carga hereditária que a maior parte de nós transporta, para que continuemos esta temática do desaparecimento da monarquia visigoda.)

Reparem nesta passagem de um livro que estou a ler de dois investigadores franceses, a Marie-France Etchegon e o Frédéric Lenoir:

“ ...Dagoberto II, o último representante dos Merovíngios, a dinastia fundada por Clóvis em 481, foi assassinado em 679. Dagoberto II tinha um filho, Segisberto IV...

... Segundo Gérard de Sède, Segisberto desposou a filha de um rei visigodo e o casal deu nascimento a uma linhagem. A única que pode, portanto, pretender ao trono de França. Conclusão: os Carolíngios e os Capetos são usurpadores. E sobretudo, assegura Gérard de Sède, a linhagem merovíngia “perpetuou-se até aos nossos dias, de modo que o “Rei Perdido” está presente, incógnito entre nós”...

...Gérard de Sède deixa entender, sem precisar muito bem, que encontrou um dos seus descendentes graças aos pergaminhos do abade Saunière. Chama-se Pierre Plantard de Saint-Clair, um homem que, existiu realmente. Tem dois nomes ligados que não são estranhos aos leitores mais atentos da ficção de Dan Brown, o Código Da Vinci...

Claro que não li o Código... do Dan Brown, mas uma coisa é certa, o “artista” é conhecedor de factos históricos quase todos eles passados em França, na Idade Média, e com esses conhecimentos e sem nunca os dar a conhecer nem sequer situando-os; arranjou uma fórmula mágica para render milhões, “Artista”!

Este “Rei Perdido” de Gérard de Sède é um clássico em todas as civilizações, os Gregos e os Romanos esperavam a chegada de Saturno, que traria consigo a Idade de Ouro; e em todas as religiões, os chiitas crêem no Iman escondido, que restabelecerá o Islão; para os cristãos o Salvador retornará à Terra; em alguns meios esotéricos espera-se o Grande Acontecimento; ainda e como mais um exemplo, o mito alemão do Grande Imperador; que repousa numa gruta da Turíngia; e ainda o nosso D. Sebastião... à falta de D. Sebastião pode mesmo ser o Wamba.

DAlmeida

Segundo a tradição, o rei visigodo Recesvinto morreu em Gertigos, em 672, não longe da Idanha, lá para os lados de Salamanca. Reunida imediatamente a “aula régia”, foi Vamba eleito sucessor do rei. Estava ele na Egitânia, sua terra natal, onde uns enviados da corte o procuraram para lhe participarem o facto. Não acreditou e não quis aceitar o pesado encargo. Ameaçado de morte se não quizesse o trono, não se perturbava e teria dito que só aceitaria a coroa se essa fosse a vontade de Deus! E para tal se certificar, pegou numa vara de freixo, espetou-a no chão e exclamou: «Se é verdade que Deus quer que eu seja rei, prove-o fazendo voltar as folhas a verdejar nesta vara que também deverá tomar raízes»!! E imediatamente o milagre se consumou!” ( D. Fernando de Almeida, Ruínas de Idanha-a-Velha, Lisboa, 1977, p. 18-19).

António Carlos Diogo

Este “ imaginário lendário” é riquíssimo e ultrapassa as fronteiras do território hoje Portugal, como não poderia deixar de ser. Isto das lendas faz-me lembrar outra discussão aqui no fórum; é como o Português falado no Brasil, ou no Porto , ou no Alentejo... para dizer o quê? Existem muitas e variadas versões da lenda de Vamba que chegaram até aos nossos dias, muitas e variadas formas transmitidas e cada uma com a sua importância, com a sua subtilidade (todas diferentes mas todas elas consubstanciadas nesse imaginário que é nacional ainda que pouco conhecido e divulgado).

Porque adepto insuspeito, confesso, declarado e descarado mentor desta minoria, cabe-me a mim, desejar a todos uma Boa Páscoa. Vou por uns dias respirar os ares das Idanhas.

Caros companheiros aqui deixo (página ao lado) esta espectacular imagem de dois Bispos, um deles Isidoro de Sevilha, dialogando com Sisenando (631-636), legitimado exactamente no IV concílio de Toledo em oposição, se a memória não me falha, a Suíntila. Sisenando era natural da Septimânia, região meridional da actual França. Espero e desejo que esta “iluminura” vos “aguce a curiosidade”.

Roma e os bárbaros.

Séculos obscuros: definimos frequentemente assim o período histórico da decadência e colapso do império romano do Ocidente. E utilizamos o termo “invasões bárbaras” para nos referirmos às gigantescas migra-



ções humanas que, oriundas do Noerte e Leste da Europa, lograram introduzir-se no seio do império. Todavia, os historiadores asseguram que não se tratou de um levantamento de estrangeiros brutais e selvagens. Romanos e bárbaros conheciam-se há séculos. Entre episódios de guerra aberta e declarada ocorreram longos períodos de relações pacíficas, intercâmbios comerciais e inclusivamente alianças. A fé cristã partilhada foi um poderoso factor de integração. E os próprios reis bárbaros, depois de terem conquistado o império, proclamaram-se herdeiros do legado

romano. Ao longo do tempo, desde os primeiros contactos dos romanos com as tribos germânicas até ao alvorecer do novo milénio, houve desencontros de efeitos devastadores, mas nenhum desses episódios impediu o nascimento de uma civilização que viria a unir todo o continente europeu. Discutimos frequentemente a identidade europeia, a importância decisiva das raízes greco-romanas ou judaico-cristãs, mas, por vezes, esquecemos que a Europa é também filha dos bárbaros.

Texto de Alessandro Barbero in National Geographic, Abril 2008.

António Carlos Diogo

Um botão de ouro com granada, duas fivelas de ouro e uma réplica de espada em ferro, descobertos no actual cemitério de Beja, estarão patentes na exposição de Veneza dedicada ao legado bárbaro na Europa Ocidental. A partir do final deste mês, o Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa, exhibirá "Sit Tibi Terra Levis: Rituais Funerários Romanos e Paleocristãos no Território Português".

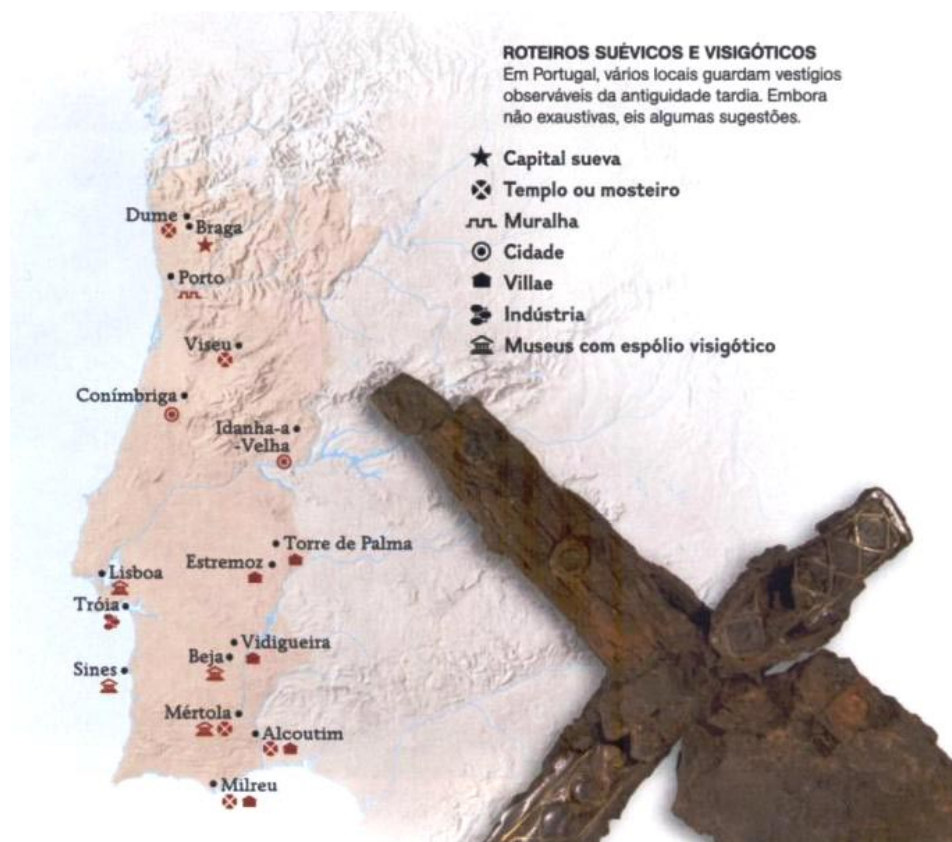


Cruz votiva visigótica  
(o que alguns historiadores consideram arte menor!),  
séc.VII, Museu Nacional  
da Idade Média,  
Termas e Hotel de Cluny, Paris.

E, com a devida "vénia" ao Núcleo Visigótico do Museu Regional de Beja, aqui deixo este bonito frontão, achado em Trigaxex (Beja), que ostenta coroa funerária envolvendo roseta; duas pombas zelam pelo fruto em forma de pinha.

Dedicada a todos em geral e ao Dêlcio (Viriato) em particular.





António Carlos Diogo

Proposta de roteiro de Carlos Fabião, fotografia de António Cunha (secção de espada de ferro visigótica, séc.V (?), do achado do actual cemitério de Beja-Museu Regional de Beja). Penso que o Museu não verá qualquer inconveniente nesta reprodução.

Avelino Nascimento

Há uns tempos vi à venda no Ebay uma coisa muito idêntica a uma parte desse objecto que tem aí na fotografia, que suponho que seja uma espada, era um pedaço igual a esse que tem os quadrados (meio trabalhados) mas não se percebia o que seria (objecto não identificado), agora tenho a certeza que era parte de uma arma dessas .

A remexer aqui nos apontamentos, encontrei este excerto de um artigo de Mário Jorge Barroca, publicado na NVMMVS II série, Volume XXVII, SPN, Porto, 2004, e a propósito de um triente de Witiza, os seguintes dados (não tenho a citada revista):

Moeda achada junto à igreja de S. Martinho de Alva (freg. Alva, conc. Castro Daire, dist. Viseu). Esta moeda pode ser atribuída ao período de 702-710, quando já governava sózinho...

ANV: + INDINEWITTIZA P+

REV: + TOLETO PIVS

Peso 1,513g, diâmetro 19,4mm; Miles 500 d variante, Maria José y Rafael Chaves, no 377. O reverso apresenta coroa com entrelaçados de corrente e no centro da mesma, cruz latina potenteada. Conhecidos até agora 14 exemplares de Witiza, em Portugal: Monchique, Herdade ou Monte da Pipa (Pias, Beja), Alva.

Deixo o pedido a quem tenha esta Revista da NVMMVS, o favor de nos mostrar imagens da moeda para todos analisarmos e discutirmos... Obrigado. -já tinha saudades do Marcas de Poder-!

À época das incursões dos povos bárbaros por territórios do império romano-que denominamos “invasões bárbaras” e a que os historiadores alemães chamam acertadamente *Volkerwanderungen*, ou “migrações de povos”-os germanos não eram tão bárbaros. Eram beligerantes (uma das minhas costelas!) , com uma elite governante dedicada à guerra, e formavam tecidos sociais coesos. Mas não eram nómadas, como frequentemente se pensa. Eram, na sua maioria, agricultores e pastores pobres.

No passado, tinham travado batalhas com os romanos, mas também tinham combatido ao serviço destes, já que o império necessitava de mercenários e pagava bem por esse serviço. O ouro ganho em combate por Roma permitia aos chefes bárbaros comprar armas, cavalos, jóias e construir villas ao estilo romano, com mosaicos e termas. Do serviço como mercenários à integração na elite dirigente do império, multiétnica e aberta às distintas raças, distava apenas um passo, e muitos chefes bárbaros não hesitaram em dá-lo.

António Carlos Diogo

Muitos reis germânicos que passaram à história como inimigos de Roma, na realidade tinham-se integrado, pelo menos parcialmente, nas suas elites: Armínio, que no ano 9 d.C. ganhou a batalha de Teutoburgo, chamava-se na realidade Caio Júlio Armínio, e era um cavaleiro romano para além de chefe dos queruscos; Alarico, que quatro séculos mais tarde saqueou Roma, chamava-se Flávio Alarico e era um *magister militum* romano além de chefe dos godos; Teodorico, que em finais do séc. V conduziu os ostrogodos até Itália e fundou o primeiro reino romano-bárbaro, era um político educado na corte de Constantinopla e estava tão próximo do poder que tinha sido nomeado cônsul pelo próprio imperador.

Nem todos os líderes bárbaros se romanizavam, alguns eram mais renitentes à aculturação. Uma invenção do séc. XIX associada a mitos falava do uso de elmos com chifres por estes guerreiros indómitos; nos túmulos da época, encontram-se elmos, mas nenhum com chifres. Alguns destes líderes sentiam-se incomodados com a indumentária romana: um político do Séc. IV, Sinésio, terra-tenente africano e depois bispo cristão, inimigo feroz destes chefes bárbaros, descreve com sarcasmo o bárbaro que depois de obter um cargo importante, é obrigado a usar a toga quando comparece em reuniões oficiais, mas mal sai veste novamente a peliça e graceja acerca da dificuldade em desembainhar a espada, assim vestido.

Passados três séculos, Carlos Magno ainda vestia ao estilo franco, com calças e peles e só se vestia como romano quando ia a Roma, convocado pelo papa; a contragosto. Carlos Magno, este chefe bárbaro, converte-se em líder do Ocidente europeu (ano de 800), de Roma ao Elba. Só assim consolidou a sua posição, como? Foi proclamado imperador romano.

Adaptado de Alessandro Barbero

Só para agradecer aos que diariamente se interessam por estas cousas. Digam-me (já imploro, como tantas vezes) aos que me lêem, se vamos no bom caminho e se vale a pena? “Vale sempre a pena quando a alma não é pequena”.

Claro que sim caríssimo Amigo.

Só uma pergunta descabida: “Algum rei visigodo cunhou moeda em Vouzela?”

vma

Conhecemos emissões de VESEO, fundamente a sua pergunta; a que localidade corresponde hoje o topónimo VESEO, inscrito em trientes visigodos, será este, o fundamento/a génese, da sua dúvida?

António Carlos Diogo

Veseo corresponde a Viseu actual, mas existe um povoado que bateu moeda junto a Viseu, e este se chamava Totela. E como Vouzela está só a 30 Km e era um povoado importante, não seria a Totela visigótica?

vma

Claro que pode ser uma pergunta descabida, mas..... como todos os meus ascendentes são de lá, gostava de saber.

Obrigado desde já pela resposta.

Com as antigas cidades romanas empobrecidas, os monumentos degradados e a paisagem cada vez mais dominada por bosques e pântanos, o império do Ocidente, invadido e governado pelos bárbaros, era todavia profundamente romano: de Roma, conservara a língua, a fé religiosa, que desde Constantino era o cristianismo, e o ideário político. Godos, francos e lombardos viam-se a si mesmos como sucessores de Roma, povos destinados a recolher das mãos dos romanos o testemunho da fé e da civilização; não tinham, e não podiam ter, um programa alternativo.

António Carlos Diogo

Assim o manifestam os documentos, as histórias, que, a partir de determinado momento, começaram a ser escritas, naturalmente em latim, para conservar, ou criar, uma memória colectiva; da maior importância a história dos godos, escrita por Cassiodoro, senador romano e alto funcionário ao serviço do rei bárbaro, na Itália governada pelos ostrogodos.

Adaptado de Alessandro Barbero

António Carlos Diogo

O primeiro período da expansão extra-Galécia do povo suevo, teve lugar nos reinados de Réquila (438-448) e de Requiário (448-456). Dada a sua debilidade demográfica...os suevos adoptaram o tipo descontínuo de implantação, principalmente localidades fortificadas, villae tardorromanas..., onde preparavam razias contra regiões que ainda não dominavam, pelos menos, efectivamente. Nestas razias apoderam-se de Mérida (439) e Sevilha (441); numa tentativa de recuperação, por parte das forças imperiais e visigodas, chefiadas pelo magister militum Vito, foi um autêntico desastre para as respectivas forças. Em 449, Requiário dirigiu-se para Tolosa, para casar com uma filha do rei Teodorico I, aproveitou para saquear parte da Tarraconense; chega a prometer a uma embaixada romana (452), não repetir os saques, não cumpre a promessa e em 456, já após a morte do sogro, na batalha dos Campos Cataláunicos, o cunhado Teodorico II, actuando em nome do imperador Avito, entrou na Península, na qualidade de comandante supremo do exército visigodo, empurrou as forças suevas para o Noroeste, conquista Braga e Portucale, onde Requiário é feito prisioneiro e logo executado. Em 469, ano em que termina a crónica de Idácio, e após reacção dos visigodos, chefiados por Eurico...os suevos voltam a ser empurrados para o Noroeste e Remismundo fica com sua área de influência, com fronteiras, provavelmente, a sul de Coimbra e da Idanha e a norte, oriente de Astorga, separando a Terra de Campos do Páramo leonês; as fontes posteriores, nada nos dizem do que se terá passado no noroeste da Península durante os oitenta anos seguintes.../...

Adaptado de: "A Moeda Peninsular na Idade das Trevas, Mário Gomes Marques, Sintra, 1998."

António Carlos Diogo

Na Gália governada pelos francos, e a que alguns começavam a chamar França, inventou-se uma lenda segundo a qual, estes também descendiam, à semelhança dos romanos, de um príncipe troiano chamado Francione (os romanos descendiam de Tróia através de Eneias). As elites guerreiras dos povos bárbaros remodelavam, deste modo, a sua identidade, ao mesmo tempo que renunciavam aos antigos cultos e à língua dos seus antepassados para assimilar com avidez o que restava da cultura romana.

Adaptado de Alessandro Barbero

2 pedaços da mesma moeda, para recordarmos a terra e fazer jus aos seus amigos!



Amigo José Pedro, "ainda me dá uma coisa boa"! O que é isto? Um triente visigodo em nome de EGICA/WITIZA da minha Egitânia (no reverso monograma EGTAN)? Vou recompôr-me da emoção e logo continuaremos! Obrigado.

Olá ... Já tinha ouvido, há tempos, sobre esta existencia e pertença do meu caríssimo Sr. Pedro.

Eis ela aqui no nosso fórum, a primeira moeda visigoda "da nossa colecção".

Í linda... já estou como o Diogo e não sou da velha Egitânia!

Como seria bom poder tê-la na mão para uma mais correcta classificação! Deixo no entanto, pela leitura possível, a transcrição das legendas:

ANV: + INDNN...GICA R+(bustos de frente com ceptro crucífero entre eles).

+ IN D(EI N(OMI)N(E) EGICA R(E)X

REV: + WITTIZA R+ (monograma da Egitânia, EGTAN).

+ WITTIZA R(E)X

jpamsantos

António Carlos Diogo

Avelino Nascimento

António Carlos Diogo

## Moedas Visigodas da Egitania do achado de Abusejo

Em Junho de 1936 entregava Manuel Gómez-Moreno a Felipe Mateu y Llopis os decalques de um pequeno tesouro achado em 1932. Parte deste achado ingressou no Instituto de Valencia de Don Juan. Mateu y Llopis havia já publicado em 1936 o *Catálogo de las monedas pre-visigodas y visigodas del Museo Arqueológico Nacional*. Foram precisamente a obra citada e os decalques que permitiram que se completasse o estudo das moedas de Abusejo (Castela e Leão-Salamanca). O estudo foi dado a conhecer em 1974 *Miscelánea Arqueológica*, xxv *Aniversario de los Cursos Internacionales de Prehistoria y Arqueología en Ampurias (1947-1971)*, Tomo II-Separata. Barcelona 1974. Felipe Mateu y Llopis.



A. Elias Garcia publica em 1938 *As Moedas Visigodas da Egitânia* não fazendo referência ao tesouro de Abusejo, isto porque do mesmo não tivera conhecimento. Em 1956 D. Fernando de Almeida em *Egitânia, História e Arqueológica*, dedica ao Tenente-Coronel A. Elias Garcia a publicação no seu livro o capítulo referente às moedas visigodas cunhadas na Egitânia e cito: «...a quem se deve a recolha de quase todo o material com que organizei o catálogo exceptuando a moeda de Rodrigo encontrada em Conímbriga. Concluo assim que Elias Garcia só terá incluído as Moedas de Abusejo em 1950 quando publica em Guimarães, *As Moedas Visigodas da Lusitânia*. Mateu y Llopis no seu estudo descreve três moedas cunhadas na oficina da Egitânia, uma de Egica (687-702) com a legenda +INDI.N.M.N. EGICA RX. +EGITANIA PIVS. E duas de Egica-Witiza associados (698-702) com as legendas +IN.D.N.M. EGICA RX. +IN.DE.NME. WITTIZA RX. Monograma da Egitânia, EGTAN. e a segunda, +IN.D.N.M. EGICA RX +WITTIZA RX. Monograma da Egitânia, EGTAN. Referindo este exemplar como excepcional. D. Fernando de Almeida descreve precisamente estas três moedas sem no entanto ter conseguido fotografias das mesmas. Apesar de ter cópias de todas só a de Egica estará visível para a publicação em papel de jornal, é então com a reprodução da mesma partindo do decalque de Don Manuel Gómez-Moreno, que termino

este apontamento.

A associação de Egica/Witiza, tipo de anverso da moeda do amigo José Pedro, tem nas moedas uma clara expressão diplomática: quer pela invocação explícita in Dei nomine, quer pelas titulaturas nelas consignadas: Egica rex, no anverso e Wittiza rex, reges, no reverso, sendo de notar o plural, igualitário de função ou soberania.

A representação das efígies é do estilo bizantino: ambos seguram um alto ceptro cruciforme, com a mão direita, afrontados, de perfil, deixando o reverso livre para o monograma da cidade, que não cabia na orla...

Caros amigos e companheiros, o que vos parece a moeda do José Pedro? De que metal será feita?

A propósito das emissões unipessoais de Egica e aquelas em que Egica e Witiza aparecem associados, diz-nos Grosse:

« Talvez já em 698 Egica terá entregue a seu filho Witiza o governo da Galécia (os irmãos castelhanos e em particular os galegos, optam pelo governo da Galicia), tendo este fixando residência em Tuy. Associado ao trono, logo recebeu a unção em 15-XI-700. Assim à morte de seu pai (31-XII-702 em Toledo), elites e povo, aceitaram de forma pacífica o novo rei...»

Ainda na *MISCÉLANEA ARQUEOLÓGICA* e do Hallazgo de Abusejo, escreve em 1974 o autor, Felipe Mateu y Llopis: A Egitânia mereceu sempre ampla bibliografia: Alfredo Pimenta, em *Alguns documentos para a história de Idanha-a-Velha* (Lisboa, 1940), e António Elias Garcia, que estudou a sua oficina em *As moedas visigodas da Egitânia* (Castelo Branco 1938), "taller siempre atendido", em exposições, como na de Paris em 1867, com um *Reccesvindus rx y Egitania Pius*, ou em colecções particulares, como a de Ferreira do Carmo, da qual um exemplar de Rodrigo, In D. Ne. Rudericus rx y Egitania Pius acredita legitimidades.

- Quanto aos metais e começando pelo valioso contributo do amigo José Pedro, gostaria de ouvir opiniões para relançarmos o debate. -

De que será feita esta moeda que alguns de nós consideramos interessante?

António Carlos Diogo

A grande reforma na moeda visigoda dá-se na lei e no tempo de Egica. Até Egica, os trientes visigodos são em ouro; a partir deste monarca, o metal empregue deixa de ser o ouro, ou é-o com grande alienação de prata, ao ponto de muitas moedas de Egica/Witiza serem exclusivamente de prata, pelo menos na opinião de alguns autores como Mateu y Llopis..., na minha humilde opinião penso que o banho de ouro sempre terá sido feito, o tempo encarregou-se certamente de o apagar. Algumas destas moedas foram indevidamente classificadas como falsas e encontram-se com frequência em colecções; no lote (lembram-se do Achado de Abusejo?) que o Gabinete Numismático do Museu Arqueológico Nacional-Madrid adquiriu em 1932 não as havia «brancas», mas algumas douradas muito pálidas. As moedas dos últimos monarcas visigodos perdem na espessura e ganham no módulo, a fim de conservar o peso, chegando a serem de uma lâmina tão tênue, que se partem com facilidade...

Espero que tenham gostado desta achega!

Sagh

Tenho uma pergunta.

Essas moedas circularam depois de outras mais “gordinhas” como as maiorinas (espero não estar a dizer nenhuma barbaridade)...  
...certo?

Porquê a mudança de forma das moedas?  
Será que precisavam de mais espaço para desenhar?

Avelino Nascimento

Mas neste caso, estamos perante uma moeda de ouro, um triente de Egica/Witiza? Certo?

António Carlos Diogo

Caros amigos esta preciosidade do amigo José Pedro tem de peso 1,2g e 22mm de diâmetro, quanto í matéria de que é feita, digamos que: 50% ouro - 50% prata.  
Avelino penso ter respondido à sua pergunta.

Paulo, quanto í denominação de algumas moedas a coisa é muito mais complicada, o Código de Teodósio dá-nos informação acerca das maiorinae vel centenionales communes, alguns autores classificam moedas de Zeno, finais do séc.V, de maiorinas... Esta moeda do José Pedro é como já sabe um triente visigodo em nome de Egica/Witiza, cunhagens de finais do séc.VIII/príncipios do séc.VIII, são um «prolongamento» do sólido bizantino, exactamente a terça parte. Quanto aos pesos e módulos variam ao longo das diferentes cunhagens, dos 1,21g de Suíntila aos 1,62g de Sisebuto, dos 16mm e raramente chegando aos 20mm de módulo das primeiras emissões de Leovigildo e Recaredo, aos 22mm da moeda que aqui admiramos... A necessidade de inscrever ambos os monarcas associados poderá ter sido o motivo do aumento do módulo, quanto ao peso, í excepção de cunhagens em nome de Sisebuto que chegam aos 1,62g, anda regra geral pelos 1,40/1,45/1,50/1,55g...

Caros amigos daqui a alguns dias teremos aqui uma novidade preparada pelos amigos Carlos (Destrans) e pelo Luís (Lunor); esta preciosidade é então quasi una blanca, como diria Felipe Mateu y Llopis.

Esta (página seguinte) é dedicada ao amigo Diogo, a quem peço o favor de comentar; apareceu pelas terras de Barroso, já há alguns anos, ainda no século passado.

Magnífico, mas que magnífico triente visigodo.  
Já sei de que reinado se trata (pai e filho) e onde foi cunhado mas como cabe as honras ao Diogo...

Já andei no AG e não ví nada, meu Deus, que coisa complicada!

Esta não está no AG, pois, não foi cunhada no nosso território!  
Repara no monograma central do reverso! O que te parece estar lá escrito?

TOLETO Toledo, capital do reino hispano-visigodo e sede principal da igreja católica.

Pizarro Bravo

Avelino Nascimento

Reiss

Avelino Nascimento



António Carlos Diogo

- É com satisfação redobrada que passo a comentar esta moedinha marca indelével dos visigodos pelas terras do amigo Fernando e de todos nós! -

A história monetária goda exige separar as cunhagens unipessoais de Egica das bipessoais de Egica-Witiza. Poucos textos ou documentos há tão claros da associação como os trientes, os tremisses.

Diz-nos Grosse: Em 698 Egica entregou a seu filho Witiza o governo da Galiza, eu escreveria Gallaecia, tendo este feito de Tuy uma espécie de residência real. É de imediato associado ao trono, tendo sido ungido em 15-XI-700. Com a morte do pai entre Novembro e Dezembro de 702 em Toledo, nobres e povo passaram sem transição violenta a proclamá-lo rei.

A distância de Toledo da antiga Gallaecia e a personalidade sueva da província requeriam, sem dúvida, o co-reinante.

A associação tem nas moedas uma clara expressão diplomática: seguida da invocação explícita in Dei nomine, a intitulação: Egica rex, no anverso e Wittiza rex, reges, no reverso, sendo de notar o plural, igualitário de função ou soberania.

A representação das efígies é de estilo bizantino: ambos co-reinantes seguram com a mão direita um alto ceptro crucífero, afrontados, de perfil... (onde é que eu já escrevi isto?). Estarão certamente lembrados do tópico - Visigótica - aqui mais abaixo do amigo José Pedro em que esta associação foi discutida, espero voltar a pegar-lhe assim que tiver mais tempo, aliás, é o que estamos a fazer com esta oportunidade que nos ofereceu o amigo Fernando, vamos tendo aqui matéria para estudo e divulgação do numerário visigodo e em particular as emissões do território hoje Portugal. Não se esqueçam de voltar a olhar para o sólido bizantino do amigo Avelino.

Deixo a transcrição das legendas.

ANV: IDINMN EGICA RX RGS  
REV: VVITTIZA RX REGS, monograma TOLET.

Avelino Nascimento

Fabuloso comentário...que valoriza ainda mais a linda moeda visigoda do nosso Fernando!! Obrigado Diogo!

O comentário do amigo Diogo, como sempre, é de muita qualidade. A moeda também o é... só é pena não ser minha.

Um amigo meu deu-me a foto e a notícia do local e circunstâncias do seu aparecimento.

Pizarro Bravo

Se fosse do Fernando, era nossa! Se é de um amigo, é nossa também!!!

Avelino Nascimento

Só para relembrar as palavras do Avelino e confirmar que é mesmo «nossa», e está muito bem tratadinha, só se o amigo Carlos (Destrans) achar que necessita de algum retoque preciosista e que ele muito bem faz!!

António Carlos Diogo

Algum dos amigos já conseguiu o Catálogo do BES, o tal onde estarão presumivelmente os trientes visigodos entre tantas outras e boas moedas, da ex. Colecção Carlos Costa? No último Roma sobrou algum exemplar para pelo menos um membro do Fórum?

Amigo Diogo nessa coleção estão 45 trientes.  
6 anteriores a Leovigildo, e 39 daquele Rei e seus sucessores.

JCardoso

Só uma pergunta: Ex-colecção Carlos Costa? Foi vendida? Houve catálogo? Era uma das mais importantes coleções de Portugal, integrou as moedas mais raras da não menos famosa coleção Nieport...

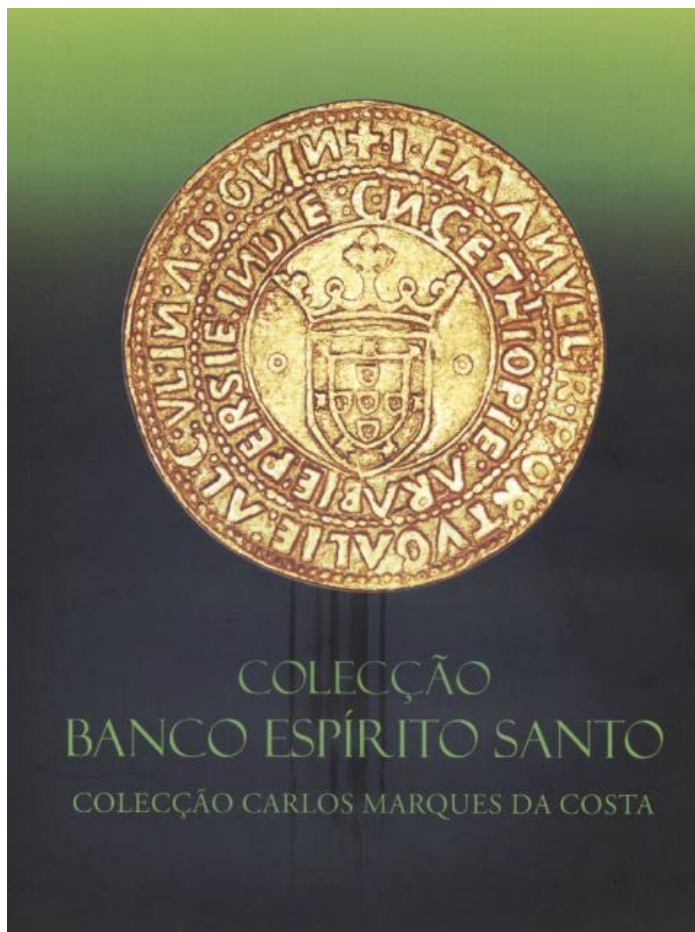
vma

Viva amigo Vítor, respondendo à sua pergunta, sim, na altura dei notícia do negócio num outro espaço.

António Carlos Diogo

Amigo Vítor é bem provável que da ex. coleção Carlos Costa fizessem parte espécimes do sócio número um da S.P.N., Eduardo Marius Van Der Niepoort.

António Carlos Diogo



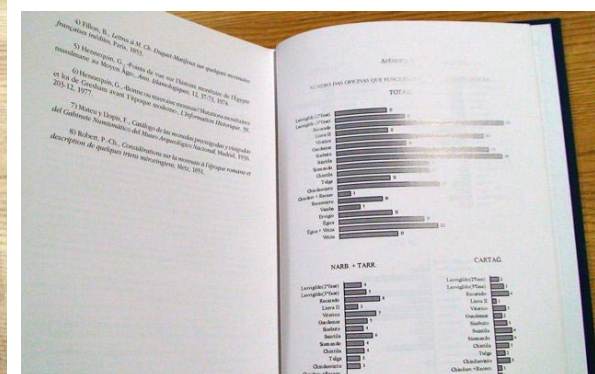
Pessoalmente estou agradecido à instituição e ao Sr. Carlos Costa. A colecção ficou em Portugal, vejam só, da Ex. colecção Carlos Costa, esta lista abreviada de uma recolha de numismas ao longo de décadas e que possibilitou o que é hoje a colecção do BES.

Ex. Colecções contempladas:

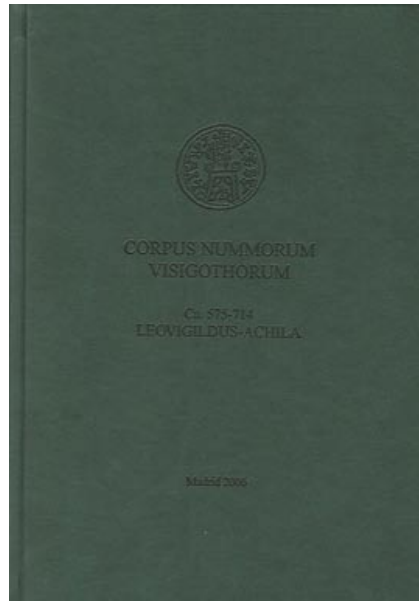
- Garrett
- Manuel de Paiva Pessoa
- Michaelis de Vasconcellos
- Niepoort
- Godinho Miranda
- Carvalho Monteiro e António Maçãs
- Júdice dos Santos
- Marrocos
- Thomas Faistauer
- Alexandrino dos Passos
- Valdemar Cordeiro
- Pessanha
- Paulo de Lemos
- Abecassis
- Souza Braga
- Jorge de Brito
- R. Shore
- Visconde de Balsemão
- Roberto Lemos Monteiro
- Justino Cumano
- Leoni Kassef
- Seruya
- Jaime Reis
- Pagliari
- .../.

Fica esta referencia bibliográfica, como complemento ao trabalho do amigo Diogo.  
 Título: Ensaio sobre História Monetária da Monarquia Visigoda  
 Autores: Mário Gomes Marques / Peixoto Cabral / Rodrigues Marinho

Bandadolopes



Bandadolopes



Título: Corpus Nummorum Visigothorum (Ca. 575-714)  
Mais uma obra, versando o tema das moedas visigodas.

António Carlos Diogo

O Corpus Nummorum Visigothorum é o mais completo e actualizado catálogo da numária visigoda, 728 pgs., onde são descritas 2428 moedas, 644 tipos e 1784 variantes, 21 falsas de época e 401 falsificações, mais suplemento com atribuição de valores, são autores: Jesus Vico Monteo-liva, Maria Cruz Cores e Gonzalo Cores.

Agradeço ao Vice-Presidente da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova, Armindo Jacinto, o documento onde Rainer Daehnhardt, escreve o seguinte:

Por respeito à defesa da Verdade Histórica e assumindo o dever que o gene luso nos impõe, proponho assim que a IMPORTÂNCIA HISTÓRICA DESTAS TERRAS SEJA DEVIDAMENTE TIDA EM CONTA e que

seja dado a MONSANTO e a IDANHA-A-VELHA o lugar de chefia na memória lusa que bem merecem!

Rainer Daehnhardt (Belas, 10 de Maio de 2004).

Não revelo mais dados do referido documento dado que compete à edilidade uma intervenção mais aprofundada..., obrigado a ambos. Se o amigo Armindo Jacinto assim o entender, deixarei oportunamente uma análise mais detalhada, principalmente porque as ANOTAÇÕES... falamos de moedas visigodas, casas de cunho, variedade e diversidade de cunhos, Casa da Moeda, moedas de ouro, Visigodos...

Para reflexão e estudo de todos os que se interessam por este numerário:

- O topónimo ELVORA/ELBORA inscrito ou sob a forma de monograma nos trientes visigodos, corresponde à alentejana Évora?

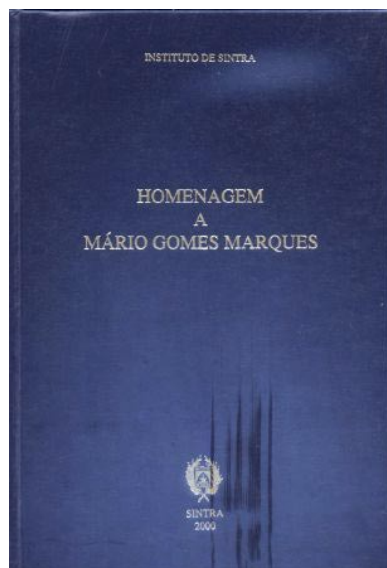
- Alguns autores atribuem o topónimo ELVORA/ELBORA a uma localidade perto de Toledo, Talavera de la Reina;

- Da EGITANIA (Idanha-a-Velha) conhecem-se 29 cunhos diferentes; da BRACARA (Braga), 28 cunhos diferentes; da EMINIO (Coimbra), 18 cunhos diferentes; PORTOCAL (Porto), 6 cunhos diferentes; MONECIPPIO (Monsanto), 5 cunhos diferentes; LAMECO (Lamego), 3 cunhos diferentes; OLISIPONA (Lisboa), 3 cunhos diferentes; VESEO (Viseu), 2 cunhos diferentes..., chegou a atribuir-se 32 cunhos diferentes a Évora, se os recentes estudos se confirmarem e se apenas contabilizarmos a inscrição EBORA em trientes visigodos como batidas na nossa Évora, então fica reduzida a 2 diferentes cunhos.

Ainda não tive acesso aos mais recentes estudos sobre esta matéria, daí não poder adiantar a bibliografia.

Uma imagem que vale por mil palavras!:

António Carlos Diogo



A pensar no amigo José Pedro (jpamsantos) que não pôde estar presente no nosso Encontro.

#### - TRABALHOS DEDICADOS A MÁRIO GOMES MARQUES -

Pág.(s) 175 a 194;

Pág.(s) 195 a 222;

Pág.(s) 223 a 251.

Tremisses em nome de Egica/Vitiza, da Egitânia, da coleção da Biblioteca Nacional de França:  
Au-47.7%/Ag-49.7%/Cu-2.1/As-80/Fe-619/Ga-nd/Pb-2156/Pd-231/Pt-nd/Ru-16/Sb-16/Sn-1910/Te-17/Ti-2/Zn-51.

Trabalhos de investigação do mais alto nível (físicos nucleares/ Sacavém, Portugal e C.N.R.S., França), e ao serviço do metal das «nossas» redondinhas!

Ainda do “HOMENAGEM A MÁRIO GOMES MARQUES, Instituto de Sintra, Sintra 2000.

Pág(s). 175 a 194: MANY MINT-PLACES, FEW COINS. VISIGOTHIC COINAGE IN GALLAECIA AN NORTHERN LUSITANIA, D. M. Metcalf.

Pág(s). 195 a 222: VISIGOTHIC MINT PRATICE, MARCH 621: WHAT CAN THE COINS OF RECCARED II TEL US?, Gonzalo Cores, J. M. Peixoto Cabral\*, Luís C. Alves\*, Peter Barlett.

\* Instituto Tecnológico e Nuclear, Sacavém, Portugal

Pág(s). 223 a 251: EM BUSCA DA ORIGEM DO OURO VISIGODO ATARVÉS DOS SEUS ELEMENTOS TRAÇO, Maria Filomena Guerra\*.

\* C. N. R. S. (Centre Ernest-Babelon), Orléans, França

Tremisses da Ex. Coleção Carlos Costa:

Gundenaro/Egitânia

Au-73.6/Ag-25.3/Cu-0.7 .../...

Sisebuto/Egitânia

Au-82.8/Ag-15.9/Cu-1.2 .../...

Ervigio/Egitânia

Au-76.9/Ag-20.1/Cu-2.5 .../...

Egica/Egitânia

Au-64.6/Ag-15.1/Cu-20.2 .../...

Não percebendo rigorosamente nada de moeda visigótica, a progressiva redução do teor de fino da moeda de ouro deixa perceber os crescentes problemas económicos e políticos com que se foram deparando os sucessivos monarcas. Trata-se de uma situação muito similar à que noutro tópico descrevi a propósito da depreciação do antoniniano. Não deixa de ser notável o facto de o tremis de Egica conter cerca de 20% de cobre.

Lucifer

António Carlos Diogo

Só agora e após a intervenção do amigo Lucifer, me apercebi que não esclareci que as concentrações do ouro, da prata e do cobre são expressas em termos percentuais e as restantes em ppm. As técnicas utilizadas por Maria Filomena Guerra para a análise das moedas foram as seguintes:

- PAA (Proton Activation Analysis), que consiste na activação nuclear com prótons de 12 MeV;
- LA-ICP-MS (Laser Ablation Inductively Coupled Plasma Mass Spectrometry).

Amigo Lucifer temos ali uma no pdf de Egica/Vitiza da Egitânia, colecção do amigo José Pedro (jpamsantos) que muito gostaria que fosse analisada.

A propósito da moeda de Egica da Idanha, Filomena Guerra, considera que devido à quantidade anormal de cobre (20.2%) a mesma levanta algumas dúvidas. No entanto as restantes concentrações dos elementos traço mostram um ouro semelhante ao dos outros tremisses. Excluindo a moeda da Idanha, a desvalorização dos tremisses é feita sobretudo por aumento substancial da prata.

De anteriores trabalhos tinha-se concluído que o ouro cunhado pelos Bizantinos no Norte de África era idêntico ao das primeiras dinastias árabes. A investigação de M. L. Bates tende para a reciclagem de um ouro do tipo bizantino nas cunhagens das primeiras moedas muçulmanas. Seguindo esta orientação, Filomena Guerra considerou os elementos presentes em estado de traço de um lote de moedas cunhadas em Espanha pelo Emirado dependente de Damasco e um outro cunhado pelos Omíadas e comparou os valores com os obtidos para as moedas visigodas.

A comparação de ambos resultados parece mostrar que o ouro dos primeiros dinares pode ter tido origem na reciclagem da moeda que anteriormente circulava na Península Ibérica, mas apenas nas oficinas do sul, enquanto que as moedas omíadas apresentam um ouro diferente do da península, provavelmente proveniente do antigo Sudão.

Quanto aos tremisses visigodos “apenas” se conclui que diferentes tipos de ouro parecem ter sido utilizados.

Reparem no ranking das mais activas oficinas no noroeste, Galécia e

norte da Lusitânia, medido pelos exemplares remanescentes de Leovigildo, Recaredo, Liuva, Viterico, Gundemaro, Sisebuto, Suíntila, Sisenando e seguintes monarcas, não especificados, e publicado por D. M. Metcalf:

- 1- Egitânia 44
- 2- Bracara 24
- 3- Eminió 21
- 4- Lucu 15
- 5- Salmantica 14
- 6- Tude 14
- 7- Portocale 8
- 8- Astúrie 6
- 9- Nandolas 6
- 10- Monecipio 6
- 11- Bergancia 5
- 12- Calapa 5
- 13- Georres 5
- 14- Coleia 4
- 15- Pincia 4

Esqueceram-se de Chaves!!!!

Amigo Fernando, deste estudo não consta nenhum exemplar/achado da sua FLAVAS!

Flavas 0, Bracara 24 e Portocale 8

Ainda da obra citada, Metcalf, elabora no Apêndice (pág. 191), uma lista de achados únicos, da qual consta a B\*.72 / Chaves / Flavas / Recaredo. Amigo Fernando assim está melhor!

\* Barral.

Pizarro Bravo

António Carlos Diogo

AntonioMota

António Carlos Diogo

AntonioMota

Falo sempre demais!... Mas haverá alguém que se meta com o nosso Magnífico e saia incólume?

António Carlos Diogo

Ainda do Homenagem a Mário Gomes Marques, 2000 e do excelente artigo assinado por Gonzalo Cores, J. M. Peixoto Cabral, Luís C. Alves e Peter Bartlett, dados novos acerca das emissões em nome de Recaredo II (Fev. / Mar. 621), filho de Sisebuto (612 - 621). O A. G. de 2003 apenas referia moedas suas de Emerita e Eliberri, não conheço a última edição de 2007. Mário Gomes Marques, J. M. Peixoto Cabral e J. Rodrigues Marinho, nos Ensaios sobre História Monetária da Monarquia Visigoda, Porto, 1995, já incluíam uma moeda de Recaredo II, emissão de Emerita.

Emissões da CARTHAGINENSIS: Acci e Toletó.

Emissões da BAETICA: Barbi, Eliberri e Ispali.

Emissões da LUSITANIA: Emerita.

Os pesos variam entre os 1.37 g (Eliberri) e os 1.52 g (Eliberri), «curiosamente» o mais leve e o mais pesado ambos da mesma oficina.

Não se conhecem emissões do actual território português.

CATÁLOGO DAS MOEDAS CONHECIDAS (28 exemplares) EM NOME DE RECARDO II.

CARTHAGINENSIS:

- 2 de Acci, + RECCAREDVSRE / + IVSTVS..ACCI; + RECCAREDVSR (três pontos na vertical) / + IVSTVS ..ACCI (1,40 e 1,38 g, respectivamente).

- 5 de Toletó, + RECCAREDVSRE / + TOLETOPIVSN; + RECCAREDVSRE: / + TOLETOPIVSI; + RECCAREDVSRE: / + TOLETOPIVSN (entre 1,45 e 1,51 g).

BAETICA:

- 2 de Barbi, + RECCAREDVSRE / + PIVS BARBI: (1,40 e 1,43 g).

- 4 de Eliberri, + RECCAREDVSRE / + PIVS ELIBERRI:.... (entre 1,37 a 1,52 g).

- 1 de Ispali, + RECCAREDVSRE / + o ISPALIPIVSo (1,44 g).

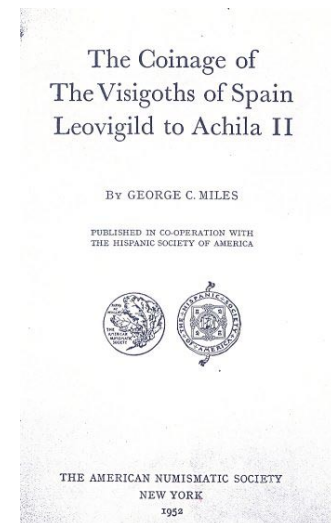
LUSITANIA:

- 14 de Emerita, + RECCAREDVSREx / + EMERITAPIVS .../... (entre 1,40 a 1,49 g).

Dados resultantes dos trabalhos de Mário Gomes Marques, D. M. Metcalf, Peixoto Cabral, Rodrigues Marinho, Luís Alves, Gonzalo Cores, Peter Bartlett, A. Kurt, Alan Walker, Maria Cruz Cores, Antón Casariego...

Aqui vai um livrinho que vou ter o prazer de enviar ao meu amigo Diogo. !!!Só é pena que não esteja completo.... mas é o que se pode arranjar!!!!

Pizarro Bravo



Será que já o tem????

Amigo Fernando a obra do G. C. Miles é de estudo obrigatório para esta temática, tenho por aqui só uns «retalhos», desde já o meu obrigado.

António Carlos Diogo

António Carlos Diogo

Já chegaram os apontamentos do G. C. Miles enviados pelo amigo Fernando, obrigado.

Da referida obra constavam já (1952) os exemplares únicos em nome de Recaredo I e Viterico da FLAVAS/FLAVIAS/FLAVIIS/FLABAS:

- ANV: RECCAREDVSRE.  
- REV: FLAVASPIVS

Col. Dr. Montalvão (A. Elias Garcia, “Um triente de Recaredo batido em Chaves”, In Revista de Guimarães, LIV (1944), pp. 36-39) = Reinhart, Ampurias 1944, p. 209 = Mateu y Llopis, Ampurias, 1945-1946, pp. 473-474 = Beltrán, p. 414.

Quanto à moeda de Viterico dá-nos os seguintes dados:  
Spelling: FLABAS  
Epithet: PIVS  
Types: Facing busts.

Mateu y Llopis, Ampurias, 1945-1946, pp. 473-474; Menéndez Pidal, pp. 30, 35; P-VV. II col. 300.

Amigos numismatas já iniciaram a leitura do “Homenagem a Mário Gomes Marques”?

Convido-os «a passar os olhinhos» pelas pp. 53 a 61, “PROYECCIÓN EXTERIOR DE LA OBRA NUMISMÁTICA DE MÁRIO GOMES MARQUES”, M. Crusafont i Sabater, Anna M. Balaguer.

## A moeda visigoda da Egitânia

De CHINDASVINTO (642-653) conhecemos um exemplar único da Egitânia com a grafia:

CI. DA (...) V R+  
EGITAN/I/A PIVS

Em 1940 A. ELIAS GARCIA dá notícia desta moeda como tendo sido adquirida no Distrito de Castelo Branco.

Seu filho RECESVINTO (649-672) que já repartia com seu pai o trono desde 649 cunhou moeda em Braga e na Egitânia; conhecemos três variantes de trientes muito raras, com a grafia:

RECCES/V/INOVS P+ RECCES/V/INOVS P+  
EGITANIA PIVS EGETANIA PIVS

RECCES/V/INTVS REX  
EGITANIA PIVS

A primeira variante penso, tratar-se do mesmo exemplar, faz parte do espólio do Museu Numismático Português (I N C M); agradeço com muito apreço e gratidão a colaboração da I.N.C.M. na pessoa da D. Margarida Ortigo Ramos.

Posso desde já adiantar que de Chindasvinto a Rodrigo, o último monarca da Monarquia Visigoda Peninsular, conhecemos 18 variantes, sendo duas delas exemplares únicos, cunhados na Egitânia, facto estatístico de importância indiscutível, só ultrapassado por oficinas do actual território espanhol.

VAMBA – WAMBA – VVAMBA – BAMBA – UVAMBA (672-680) foi eleito rei a seguir à morte de Recesvinto. Como prometido no último apontamento e desejando que o leitor partilhe comigo o imaginário egitanense e nacional, procuremos o início da “lenda histórica” que se perpetuou connosco; VAMBA, homem guerreiro que só pretende repousar usufruindo do estatuto de “gardingio” não aceita ser rei dos Godos, é-o à força e porque a vara de freixo floresceu tal o designio de Deus. Esquecer a sua terra não cheirar a sua terra, trabalhá-la, escutá-la ... “Após a tempestade a bonança” só que o destino por pouco tempo lhe permite desfrutá-la, foi eleito pelos nobres da Aula Régia em 672 na localidade de Gerticos, no entanto fez questão ser coroado em Toledo, a capital. Sabemos que teve que acudir a muitos “fogos” tendo alcançado importantíssimas vitórias. Não será de estranhar neste contexto, já havia rumores do desembarque de forças berberes na Península, o ter-se “esquecido” da Egitânia quanto ao numerário em ouro ... “Em casa de ferreiro espeto de pau” para isso houveram outros políticos. Aconselho a leitura, entre outros, de “Rei Wamba – Espaço e Memória, Maria Adelaide Neto Salvado, Pedro Salvado, A Mar Arte, Coimbra, 1995.

Gostaria e ia-lo-ei assim que puder pessoalmente, perguntar aos acima citados e a outros historiadores/investigadores, porque afirmam a existência de numerário de Vamba batido na Egitânia? Aproveito para esclarecer que a grafia adoptada a partir de Vamba: I.D.N. / I.D.I.N.M. / I.D.M.N. / IND. N. M. / INDINME / INDINM / INDNE não significa IDANHA, como alguns defendem, mas sim em abreviatura “IN DEI NOMINE”.

As referências a moeda de Vamba aparecem-nos primeiramente com Manoel Pereira da Silva em “Memórias para a História Eclesiástica do Bispado da Guarda – 1729” a pág. 26, diz ter visto uma moeda de Vamba cunhada na Egitânia, com a legenda, no anverso UVAMBA REX e no reverso IGE-DITANIA PIUS; É pouco provável, Vamba foi o primeiro rei visigodo que adoptou nas suas moedas e sempre a legenda, como já referi, IN DEI NOMINE, fosse qual fosse a oficina monetária. Quanto à legenda do reverso também não se conhece nenhuma moeda, seja qual for o rei, com a grafia IGE-DITANIA.





O Padre Joaquim Martinho em 1758 na resposta ao Inquérito Pombalino na referência à Egitânia e para fundamentar a naturalidade de Vamba diz mais ou menos nestes termos:

(...) Da cidade de Idanha foi natural o rei Vamba, como se tem visto em moedas de prata que ainda se encontram com a inscrição o Bamba egitanense (...)

Claro que do ponto de vista numismático é de uma total incorrecção, sem qualquer fundamento, além dos trientes (moeda em ouro) não se conhece nenhum exemplar em prata. Só no início da década de oitenta (1984) se teve conhecimento através de Crusafont i Sabater, da existência de numerário em cobre produzido pelos visigodos através de um achado na região de Sevilha. Numerário visigodo em prata é algo desconhecido. Perdoemos ao Padre Martinho, homem erudito este “pecado menor” no exercício do seu patriotismo.

TAMBÉM EU DEFENDO, A NATURALIDADE PORTUGUESA DE VAMBA.

António Carlos Diogo

CASA DA MOEDA	
MUSEU NUMISMÁTICO PORTUGUÊS	
N.º de inventário: 3857; 12400 VII/76/51 - VII/76/52	ANVERSO
Série: Visigótica	 
Localização - Vitrine: 80	
Espécie monetária: Triente	
Data: (653-672)	
Metal: Ouro Diâmetro: 19 mm Peso: 1,51; 1,52gr	
Época de: Recesvinto	
Cunhagem de Tolete (Toledo)	
Descrição: + RECCESVINVS Px. Busto vol- to do à direita	
REVERSO	
R/- + TOLETO PIVS. Cruz sobre três degraus.	 
Heiss, nº 12.	

A numisma deixada pelo amigo Jorge Cardoso foi batida na capital da Hispânia visigoda, Toledo.

No reverso e em monograma, TOLET, Toletto. Jorge, se possível dá-nos a origem e a metrologia, por quem foi peritada..., obrigado.

O artigo de opinião por mim assinado (remonta a 12.11.2004, Semanário Reconquista), assim como a ficha técnica do MNP (INCM), servem para ilustrar como então estas coisas se processavam..., para mim ainda não existia qualquer Fórum!

Nos dois exemplares do MNP, o reverso retoma o tipo leovigildiano, cruz assente em três degraus.

Do território hoje Portugal, conhecemos tremisses/trientes visigodos, batidos na EGITANIA visigoda e na BRACARA visigoda..., não tenho presente se o último AG contempla algum espécime da VESEO visigoda, talvez no CORPUS NUMMORVM VISIGOTHORVM.

Junto mais umas informações:

Foi a leilão em Maio de 2002 - Numisma

Chindasvinto e Recesvinto (649-653)  
Ouro – Tremissis Toledo  
Miles 346a (3o ex. publicado) eixo às 6h  
Grau de Raridade: Extremamente Rara  
Estado de Conservação: quase Sob

Obrigado Jorge, infelizmente não nos dizem a que colecção pertencia, sabes quem a adquiriu?

Não se conhecem exemplares desta associação régia, Chindasvinto-Recesvinto do actual território português. A imagem ilustra além desta associação, emissões que já aqui debatemos de Egica-Vitiza associados.

“ ... Foi precisamente Chindasvinto quem associa ao trono o seu filho Recesvinto informando-nos do facto com a cunhagem desta moeda...”

António Carlos Diogo

JCardoso

António Carlos Diogo

António Carlos Diogo

Temos assim na imagem as duas modalidades de cunhagem nos reinados associados. A de Chindasvinto efigiado no anverso e Recesvinto no reverso contudo com uma única imagem real. À sua direita, dois tremisses/trientes cunhados no reinado associado de Egica-Vitiza em que pela primeira vez aparecem os bustos de ambos monarcas. No anverso da primeira dois bustos enfrentados com uma cruz entre eles, na orla o nome e o título do rei e a legenda IN DEI NOMINE abreviada. Este modelo está claramente inspirado no bizantino, no entanto o visigodo tem uma particularidade interessante, que podemos observar na na última moeda, podemos vê-los segurando a cruz que aparece entre ambos. Em Bizâncio só encontramos este pormenor no segundo reinado de Justiniano II, entre 705-711, é o modelo visigodo que introduz uma variante sobre o bizantino. Em ambos os reversos o nome do monarca associado, Witiza, e as mesmas legendas abreviadas e como motivo principal os nomes das oficinas, ISPALI e MENTESA, em monograma. De referir que o monograma é outra inovação, no que concerne o desenho, introduzida pelos visigodos, uma vez que a oficina em monograma se encontra por vezes na moeda grega e romana mas nunca como motivo principal.

Imagem e algumas passagens traduzidas de : LA MONEDA VISIGODA, Jesus Vico, Maria Cruz Cores, Gaceta Numismática, 169, Junho 2008; Oferta de Fernando Cantista Pizarro Bravo.



Jesús Vico e M.a Cruz Cores (ob. cit.) e no capítulo Falsificações, a propósito da tecnologia ao serviço das falsificações mas também ao serviço dos investigadores na detecção de moedas “espúrias”, escrevem: De entre estes novos métodos, devemos destacar como mais eficazes a aplicação de técnicas analíticas, das quais contamos já com bastantes experiências na sua aplicação ao numerário visigodo, relembro que já aqui abordamos alguns dos trabalhos lusos. Citamos como exemplos pioneiros os publicados por Grierson e Blackburn em 1986; as levadas a cabo na moeda visigoda lusitana por Gomes Marques e outros em 1995; os trientes de Recaredo II por Cores e outros em 2000, e as levadas a cabo por Filomena Guerra também em 2000, que introduz a identificação dos elementos traço nas moedas, também estes estudos já aqui foram abordados; como português amador mas sempre que possível atento, regozijo-me com este reconhecimento partilhado por “nuestros hermanos”.

A grande produção de moeda falsa dá-se no séc. XIX e basicamente em Sevilha, por operários da Fábrica de Moeda de Sevilha. Aparecem igualmente falsários em Madrid, Barcelona e Valência. Do séc. XIX há a reter as falsificações de Carl Wilhelm Becker, este no entanto não teve a intenção de enganar estudiosos e amadores, uma vez que a grande maioria das suas moedas eram fantasias. A prestigiada casa J. Schulman de Amsterdão em 1912, ao leiloar a coleção De Castro, na qual eram oferecidas 28 moedas visigodas e em que referia que 12 eram de “autenticidade duvidosa” ainda assim, das 16 restantes que se consideravam autênticas, 50% eram igualmente falsas. A situação tornou-se de tal forma caótica que levou ao desinteresse pela moeda visigoda..., no segundo quarto do séc. XX a produção de moedas falsificadas praticamente desapareceu.

Algumas passagens deste texto foram por mim traduzidas e adaptadas da obra citada.

Relembro que Jesús Vico, Maria Cruz Cores e Gonzalo Cores são os autores do Corpus Nummorum Visigothorum, publicado em 2006.

Quando referi a moeda de Recesvinto cunhada em Veseo, era exacta-

marreta

mente uma cunhagem “Chindasvinto-Recesvinto” mencionada no livro do J.Salgado “Moedas de Ouro de Portugal, Sec V-XX”. Infelizmente o livro não tem fotografia para esse exemplar:

página 26:

Cd/Rc. I Veseo

CN:VINOVR:X

RCCE:VINOVR+

ref. CNV 439

Para compensar, aqui fica (página ao lado) outro retrato desse rei. Esta foi batida em terras da Lusitânia

António Carlos Diogo

Esta também foi cunhada na Lusitânia, mas no território hoje Portugal, na EGITANIA Visigoda, na que foi a Civitas Igaeditanorum Romana, a Egitânia, hoje Idanha-a-Velha. A última vez que esteve exposta foi na Exposição do Banco de Portugal - Marcas de Poder/Moedas Visigodas em Território Português, Lisboa, 2006, pertence ao espólio do Museu Numismático Português/IN-CM.



António Carlos Diogo

A simplicidade da moeda visigoda sempre preocupou os monarcas visigodos exatamente pela mais que previsível possibilidade de a mesma ser falsificada, para tal dedicaram cinco leis a esta prática criminosa no Liber Iudiciorum, a última recompilação legislativa da Hispânia Visigoda, levada a cabo no reinado de Recesvinto (seu pai Chindasvinto tinha sido o precursor) e que perduraria pela Idade Média peninsular. Os falsificadores eram severamente punidos, ameaçados com a tortura e premiavam-se os delatores..., ainda assim não conseguiram o seu propósito.

Moedas de Recesvinto existentes no MNP/IN-CM:

- O Ex. da EGITANIA, n.o de inventário: 3852.
- 2 Ex. de EMERITA, n.os de inventário: 3853 e 3854.
- 2 Ex. de ISPALI, n.os de inventário: 3855 e 3856.
- 2 Ex. de TOLETO, n.os de inventário: 3857 e 12400.

Da Coleção BES (Coleção Carlos Marques da Costa) não faz parte nenhum espécime em nome de Recesvinto.

Não tenho conhecimento da moeda cunhada em VESEO em nome de Chindasvinto/Recesvinto. A verdade é que a mesma é referenciada na ob. cit. de Javier Salgado e no Corpus Nummorum Visigothorum (CNV), agradeço o contributo do António para esta temática. Tem sido proposta a interpretação VESEV para uma ou duas moedas com monograma até hoje não decifrado, no entanto a mesma é duvidosa.

Moedas Visigodas do Território hoje Portugal do MNP.

Recaredo - Elvora(?), 3827

Recaredo - Iminio, 3831

Liuvia II - Portocale, 3834

Viterico - Laetera, 3838

Sisebuto - Veseo, 3844

Suintila - Veseo, 22941

Recesvinto - Egítania, 3852

Rodrigo - Egítania, 3871.

Não tenho conhecimento de novas aquisições por parte do MNP.

Faço votos para que todos apreciem e comentem, obrigado.



Avelino Nascimento	<p>Bem interessante esta associação das faces destas moedas visigodas e bizantinas.</p> <p>Só que...</p> <p>E os visigodos só conseguiam desenhar ou gravar um quadrado ou retângulo em vez de três?</p> <p>Na minha opinião, a coisa parece mais ser elmos, capacetes de guerra. Mas...</p>	As visigodas...	JCardoso
JCardoso	<p>Não consegui ver bem as imagens... mas vai o que consegui descortinar até agora</p> <p>Pela sequência:</p> <p>1</p> <p>2 3</p> <p>4</p> <p>Moedas Visigodas</p> <p>1 amoeda</p> <p>+ I.D.N.ERVIGIVS RX</p> <p>+ ELBORA PIVS ( com ressalto)</p> <p>2a</p> <p>+ I.D. [...]RVICIVS RX</p> <p>Moedas Bizantinas com imagem de Jesus Cristo</p> <p>3a</p> <p>IHS CRISTSS REX RETNAN [...]</p> <p>4a</p> <p>x IHS x IP REX x RE NANTIUM</p>	<p>A moedagem visigótica</p> <p>Periodo pré-visigodo – baseada em imitações bárbaras dos imperadores romanos.</p> <p>Periodo visigodo – é mais personalizada com nome do monarca e a localidade.</p> <p>A moedagem bizantina</p> <p>Devido á escassez de metal e de artistas as moedas do I o periodo também são cópias das moedas do Império Romano.</p> <p>Erros na leitura</p> <p>Já tenho encontrado diversos erros na leitura da grafia das moedas. Podemos ir ver, às moedas que o Miguel aqui nos deixou.</p> <p>Por exemplo, P+ quando na realidade é um RX abreviatura de REX.</p> <p>O P tem uma perna longa horizontal que vai fazer parte de uma das travessas do X.</p> <p>Também nos Dinheiros se soube aproveitar os punções e os espaços disponíveis para a inscrição dos elementos.</p>	António Carlos Diogo
António Carlos Diogo	Quais terão servido de modelo, as visigodas ou as bizantinas?	<p>Tínhamos escrito o seguinte na pág. 4:</p> <p>Temos assim na imagem as duas modalidades de cunhagem nos reinados associados. A de Chindasvinto efigiado no anverso e Recesvinto no reverso contudo com uma única imagem real. À sua direita, dois tremisses/trientes cunhados no reinado associado de Egica-Vitiza em que pela primeira vez aparecem os bustos de ambos monarcas. No anverso da primeira dois bustos enfrentados com uma cruz entre eles, na orla o nome e o título do rei e a legenda IN DEI NOMINE abreviada. Este modelo está claramente inspirado no bizantino, no entanto o visigodo tem uma particularidade interessante, que podemos observar na última moeda, podemos vê-los segurando a cruz que aparece entre ambos. Em Bizâncio só encontramos este pormenor no segundo reinado de Justiniano II, entre 705-711, é o modelo visigodo que introduz uma variante sobre o bizantino. Em ambos os reversos o nome do monarca associado, Witiza, e as mesmas legendas abreviadas e como motivo prin-</p>	

cipal os nomes das oficinas, ISPALI e MENTESA, em monograma. De referir que o monograma é outra inovação, no que concerne o desenho, introduzida pelos visigodos, uma vez que a oficina em monograma se encontra por vezes na moeda grega e romana mas nunca como motivo principal.

Imagem e algumas passagens traduzidas de : LA MONEDA VISIGODA, Jesus Vico, Maria Cruz Cores, Gaceta Numismatica, 169, Junho 2008; Oferta de Fernando Cantista Pizarro Bravo .

Pois bem amigos, outra das principais inovações introduzidas pelos visigodos, desta feita com marcada e indubitável influência religiosa, é o busto de Cristo nimbado (nimbo crucífero) de frente. O busto não representa o monarca, Ervígio, mas Cristo. Este aspecto será devido à política de Ervígio (680-687), que procurava governar com o apoio dos bispos e legitimar o seu poder como “ungido do Senhor”, como se pode ler nas resoluções do XIII Concílio de Toledo (681). Nas imagens que deixei na página anterior esta representação foi copiada e melhorada, uns anos mais tarde pelo imperador bizantino Justiniano II (685-695), o modelo de Egica/Witiza (Egica e Witiza afrontados segurando a cruz) foi também por ele copiado no seu segundo reinado (705-711).

Encontramos Cristo nimbado de frente (reparem nas transcrições das legendas de anverso que o amigo Jorge Cardoso nos deixou) em praticamente todos os metais e denominações do numerário bizantino: Follis, Miliarension, Hiperperon, Solidus, Nomisma histamenon e seus múltiplos, nas Aspron Trachy em bolhão, nas nummi scyphati..., nas imitações búlgaras.

Jorge encontramos pelo menos uma dúzia de associações para REX. Encontramos igualmente formas diferentes na grafia para Recaredo: RECCAREDVS, RECCARREDVS, RECCARIDVS, RECCARIOS, REC-CAREDA..., o que não significa que na hora de lermos e transcrevermos os caracteres, o façamos da forma mais correcta..., não se esqueçam que o latim falado e escrito na Península não é o de Roma.



